

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**TERRITORIALIDADE DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE
CARTUCHO NA REGIÃO DO MÉDIO RIO NEGRO RIBEIRINHO,
ESTADO DO AMAZONAS**

GRACIETE BALTAZAR CALISTRO

**MANAUS
2024**

GRACIETE BALTAZAR CALISTRO

**TERRITORIALIDADE DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE
CARTUCHO NA REGIÃO DO MÉDIO RIO NEGRO RIBEIRINHO,
ESTADO DO AMAZONAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas para a
obtenção do título de Licenciada em Geografia

Orientador: Prof. Dra. Francilene Sales da Conceição

**MANAUS
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

G731tt Calistro, Graciete Baltazar
Territorialidade da etnia Baré na comunidade
Cartucho na região do médio rio Negro ribeirinho, Estado
do Amazonas / Graciete Baltazar Calistro. Manaus : [s.n],
2024.
62 f.: il.; 29 cm.

TCC - Graduação em Geografia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.
Inclui bibliografia
Orientador: Francilene Sales da Conceição

1. Etnia Baré . 2. Resistencia Cultural. 3.
Colonização na Amazônia. 4. Diversidade Étnica. I.
Francilene Sales da Conceição (Orient.). II. Universidade
do Estado do Amazonas. III. Territorialidade da etnia
Baré na comunidade Cartucho na região do médio rio
Negro ribeirinho, Estado do Amazonas

GRACIETE BALTAZAR CALISTRO

**TERRITORIALIDADE DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE
CARTUCHO NA REGIÃO DO MÉDIO RIO NEGRO RIBEIRINHO,
ESTADO DO AMAZONAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade do Estado do Amazonas para
a obtenção do título de Licenciada em
Geografia

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dra. Francilene Sales da Conceição

1º avaliador: Profa. Dra. Célia Aparecida Bettiol

2º avaliador: Profa. Dra. Susane Patrícia Melo de Lima

Manaus, 19 de fevereiro de 2024.

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Ata de apresentação oral de monografia da aluna GRACIETE BALTAZAR CALISTRO de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior em 19 de fevereiro de 2024.

Ao décimo nono dia do mês de fevereiro de 2024 às 09:00 horas na sala 06 – Rosa Branca, a aluna GRACIETE BALTAZAR CALISTRO, realizou a sua apresentação de monografia intitulada "TERRITORIALIDADE DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE CARTUCHO NA REGIÃO DO MÉDIO RIO NEGRO RIBEIRINHO, ESTADO DO AMAZONAS". A banca de defesa foi constituída pelos seguintes membros: PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO (presidente), PROFA. DRA. CÉLIA APARECIDA BETTIOL (membro externo), PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA (membro interno). A presidente deu início à sessão convidando os membros da banca e a graduanda para tomar assento e iniciar a apresentação. Após apresentação, foi feita a arguição pelos membros que ao final reuniram-se para decidir que a aluna foi *aprovada*....., com a nota *10,0*.... A sessão foi encerrada e assinada pelos membros da banca e pela graduanda. Manaus, 19 de fevereiro de 2024.

PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO
(Presidente)

PROFA. DRA. CÉLIA APARECIDA BETTIOL
(Membro Externo)

PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA
(Membro Interno)

GRACIETE BALTAZAR CALISTRO
(Graduanda)

Dedico este trabalho, a Deus por ser a luz da minha existência, e é essa luz que me ilumina, onde encontro auxílio e amparo. Esse Deus que sempre está presente no momento de ansiedade e aflição. Dedico também aos meus filhos, Leocely Socorro Calistro Nery, Leorivan Cássio Calistro Nery, Graciane Luzia Calistro Nery, Alberto Calistro Nery, e ao meu Sobrinho Mikael Calistro dos Santos e, por fim, dedico a todos. Meus familiares, que estiveram sempre presente desde o início da minha caminhada.

Acadêmica na Escola Normal Superior/UEA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, que esteve sempre presente ao meu lado, ele me deu saúde, forças, coragem e sabedoria, para não desistir e continuar enfrentando os obstáculos ao longo desta jornada, para que eu realizasse o meu sonho e objetivo. Então, só tenho a agradecer por tudo que Deus tem feito por mim.

A minha imensa gratidão à minha irmã Lizete Calistro Fontes e ao meu cunhado Gilvan Francisco Fontes, só tenho a agradecer a eles, por terem concedido a resistência deles para eu morar, durante toda a minha graduação.

Agradeço também aos meus filhos Leocely Socorro Calistro Nery, Leorivan Cássio Calistro Nery, Graciane Luzia Calistro Nery e Alberto Calistro Nery, que me incentivaram a fazer esse curso e se mantiveram me dando total apoio, nos momentos difíceis. Gostaria de agradecer em especial o meu sobrinho Mikael Calistro dos Santos, pela ajuda e apoio, sempre que eu precisava, também agradeço à minha irmã Maria das Graça Baltazar Calistro e ao meu cunhado Francisco Tanaka dos Santos, que sempre que eu precisava de passagem para ir ao interior, os mesmos me auxiliavam.

Agradeço os meus pais, pelas orações deles, para me fortalecer na minha jornada de graduação, agradeço também ao senhor Lourival Pinheiro Calistro e senhora Sidônio Aular Baltazar. Eu não poderia deixar de agradecer também ao meu irmão Valdenyr Baltazar Calistro e irmã Lucinete Baltazar Calistro, pelas palavras de incentivo, e meu agradecimento também meu fiel escudeiro André Brazão Elias, que sempre me deu aquele apoio moral nos momentos difíceis e necessárias nessa jornada acadêmica, a minha enorme gratidão a todos.

Não poderia faltar os agradecimentos para os meus amigos da turma do curso de geografia, que sempre estiveram ao meu lado durante todos esses anos, particularmente quero agradecer os mais queridos Daciene Lino de Oliveira Fernandes, minha grande amiga e parceira nos momentos difíceis e obstáculos, Alexandre Mota pelo incentivo, apoio e consideração, Mirian Ricardo, pelo seu apoio nas horas que eu mais precisava, e ao Felipe Ribeiro, pela contribuição nos trabalhos de ensino.

Agradeço também a Mírian Monteiro, Wenderson de Castro Gomes, Myrlah Rebecca de Araújo Nunes, Salomão Picanço, Alejandro Vinicius, e todos outros colegas que fizeram parte da minha trajetória na universidade da Escola Normal Superior/UEA durante dessa jornada acadêmica.

Agradeço ao corpo docente do curso de geografia, que me acompanharam e me proporcionaram conhecimentos ao longo do Curso, com empenho, dedicação e paciência em sua arte de ensinar, hoje me considero preparada para a vida de formação profissional, e isso só foi possível graças aos ensinamentos desse corpo docente de geografia, em especial a minha querida orientadora Professora Dra. Francilene Sales da Conceição, que me aceitou para ser a minha orientadora, desde quando fiz a disciplina de IPG com ela.

Só tenho gratidão Professora Dra. Francilene Sales da Conceição, por todo incentivo, dedicação, paciência, ensinamentos, saberes e experiência, pois acredito que tudo isso foi muito importante para meu crescimento na Instituição, que através do ambiente acolhedor e de muitas oportunidades fui me desenvolvendo.

E eu não poderia deixar de mencionar a minha enorme gratidão e agradecimentos também aos meus parentes Vamberto Plácido Rodrigues, Sidônia Aular Baltazar, Germano Sanches Baltazar e Jaciel Manoel Rodrigues, que tiraram seu tempo precioso, para me passar as informações necessárias, que foi de suma importância para a construção deste TCC.

"Aicué curi uilocó, Parana-assú sui, peruaiana, quirimbaua pirri pessul"
"vai aparecer do rio maior, o maior e mais poderoso inimigo de vocês"

Herrero e Fernandes, 2015.

1 – 2'

RESUMO

A Pesquisa aborda sobre o estudo dos aspectos culturais da etnia Baré na comunidade Cartucho, localizada no médio rio Negro, Amazonas. Este texto aborda a complexa relação entre a colonização e os povos indígenas da Amazônia, destacando a importância de compreender os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais para entender as territorialidades indígenas no estado do Amazonas. O foco é na comunidade do Cartucho, explorando as experiências culturais do povo indígena Baré e sua resistência ao longo do tempo. O objetivo geral do TCC buscou compreender a territorialidade e os aspectos culturais da Etnia Baré na comunidade Cartucho da região do médio rio negro ribeirinho, estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. Como específicos, buscou entender como ocorre o processo de colonização enfrentado pelos povos indígenas da Amazônia; compreender os modos de vida da etnia Baré no estado do Amazonas; identificar os aspectos da cultura do povo indígena Baré como estratégia de resistência no estado do Amazonas. Destaca-se a preservação da cultura Baré na comunidade, evidenciada por aspectos como a língua nheengatu, práticas agrícolas e o trabalho na extração da fibra da piaçabeira. O texto argumenta que a colonização foi uma invasão do território indígena, resultando em transformações culturais, sociais e econômicas. A pesquisa, utilizando o método dialético, busca compreender a territorialidade e os aspectos culturais da Etnia Baré na região do Médio Rio Negro, Amazonas, como forma de resistência e preservação cultural. O trabalho é estruturado em três capítulos, abordando a geografia dos povos indígenas, a metodologia da pesquisa geográfica na Amazônia e os modos de vida dos indígenas Baré. Destaca-se a importância da decolonialidade e da compreensão da realidade contraditória em meio às transformações vivenciadas pelos povos indígenas e sua diversidade étnica.

Palavras-chave: Etnia Baré; Resistencia Cultural; Colonização na Amazônia; Diversidade Étnica.

ABSTRACT

The research deals with the study of the cultural aspects of the Baré ethnic group in the Cartucho community, located in the middle Rio Negro, Amazonas. This text addresses the complex relationship between colonization and the indigenous peoples of the Amazon, highlighting the importance of understanding the social, economic, political and cultural aspects to understand indigenous territorialities in the state of Amazonas. The focus is on the Cartucho community, exploring the cultural experiences of the Baré indigenous people and their resistance over time. Presenting the general objective of the TCC, it sought to: understand the territoriality and cultural aspects of the Baré Ethnicity in the Cartucho community in the middle Rio Negro riverside region, state of Amazonas, Western Amazon. The specific aim was to: Understand how the colonization process faced by the indigenous peoples of the Amazon occurs; understand the ways of life of the Baré ethnic group in the state of Amazonas; identify aspects of the culture of the Baré indigenous people as a resistance strategy in the state of Amazonas. The preservation of the Baré culture in the community stands out, evidenced by aspects such as the Nheengatu language, agricultural practices and the work in extracting fiber from the piassab tree. The text argues that colonization was an invasion of indigenous territory, resulting in cultural, social and economic transformations. The research, using the dialectical method, seeks to understand the territoriality and cultural aspects of the Baré Ethnicity in the region of the middle Rio Negro, Amazonas, as a form of resistance and cultural preservation. The work is structured into three chapters, covering the geography of indigenous peoples, the methodology of geographic research in the Amazon and the ways of life of the Baré indigenous people. The importance of decoloniality and understanding the contradictory reality amidst the transformations experienced by indigenous peoples and their ethnic diversity is highlighted.

Keywords: Ethnicity Baré. Cultural Resistance. Colonization in the Amazon. Ethnic Diversit

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: GEOGRAFIA DOS POVOS INDÍGENAS E A PERSPECTIVA DA DESCOLONIALIDADE.....	17
1.1. O processo de Colonização e as Práticas de Descolonização.....	17
1.2. O conceito de território e territorialidade e povos indígenas.....	21
1.3. Perspectiva da descolonialidade e aspectos da Cultura do Povo Indígena Baré do Amazonas.....	25
CAPÍTULO 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA PENSAR A PESQUISA GEOGRÁFICA INDÍGENA NA AMAZÔNIA.....	30
2.1. Método da Pesquisa	30
2.2. Área de estudo	32
2.3. Coleta de dados.....	33
CAPÍTULO 3: TERRITORIALIDADE DA ETNIA BARÉ, ESTADO DO AMAZONAS, AMAZÔNIA OCIDENTAL.....	38
3.1. Povos Indígenas Baré: A História da Comunidade do Cartucho	38
3.2. Modos de Vida atual da Comunidade do Cartucho da etnia Baré: economia, cultura e organização social e política	51
3.3. As Resistências do Povo Indígena Baré na Comunidade do Cartucho.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

Para entender o que foi a colonização é preciso entender também sobre o processo de formação territorial dos povos indígenas da Amazônia, pois sempre foi uma das questões geográficas e históricas mais disputadas no Brasil. Ao discutir sobre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais se têm um entendimento das territorialidades indígenas no estado do Amazonas e também um olhar mais crítico que é preciso ter para entender sobre a chegada dos povos europeus no continente sul-americano e suas atualidades, pois hoje existem cerca de 305 etnias, com cerca de 180 línguas distintas.

Visando a identificação dos aspectos culturais assumidas pelo povo indígena Baré como estratégia de reprodução social no território é necessário destacar as experiências de um povo indígena brasileiro, por meio das reflexões sobre as transformações culturais, sociais e econômicas do povo da etnia Baré na Comunidade do Cartucho no Médio Rio Negro. A comunidade Cartucho continuará no decorrer do tempo, exatamente daqui 30 anos, com a sua língua Nheengatu e com suas variações culturais e seus saberes, havendo assim uma preservação da cultura por parte dos mesmos.

Os aspectos culturais que se apresentam na comunidade Cartucho é uma das formas de resistência ao tempo. Outros aspectos que são vistos como representativos dessa comunidade são os aspectos sociais, pois é o modo de vida indígena quando se trata do trabalho desenvolvido na extração da fibra da piaçabeira, onde grande parte das populações indígenas vive e trabalha em áreas extrativistas, de onde retiram alimentos ou outros produtos para a sua manutenção e sua renda. Quando se trata de agricultura, entende-se que o povo indígena Baré tem seu modo de vida através da caça e pesca, no trabalho de plantio de mandioca e para a produção da farinha que a colonização acabou negando.

Isso porque a colonização é entendida como uma invasão do território indígena, marcando época e história indígena, tornando-se importante para identificar e compreender os aspectos culturais do povo da etnia Baré na Comunidade do Cartucho no médio Rio Negro. Entender sobre o estudo dos aspectos culturais da etnia Baré na comunidade Cartucho, localizada na região do médio Rio Negro, no estado do Amazonas. A etnia Baré é um povo indígena que habita a região amazônica, e é de extrema importância saber sobre a região amazônica, sendo assim possível compreender as lutas e desafios enfrentados pelos povos indígenas na atualidade.

Contudo, dentro desse trabalho, está sendo apresentada a territorialidade, que é um conceito fundamental para a compreensão da relação entre os povos indígenas e o seu ambiente natural, pois envolve não apenas a posse da terra, mas também a sua utilização e gestão de acordo com as tradições e costumes de cada comunidade.

O processo colonial sobre os territórios dos povos indígenas foi uma história violenta, marcada por genocídio e, por isso, foram criadas organizações coletivas indígenas para lutar pela existência do modo de vida e cultura indígena. Justifica-se que a cultura dos povos indígenas da etnia Baré vem existindo no Estado do Amazonas desde os tempos que os primeiros estrangeiros chegaram no Brasil em 1500; hoje é uma das etnias que luta para que possa manter a sua cultura, a sua linguística e seu povo originário, ou seja, seu traço histórico. Para o povo indígena Baré na comunidade Cartucho no Estado do Amazonas, muitas das suas culturas originais já não se praticam mais, hoje em dia querem resgatar o que foi perdido.

A temática aborda sobre o modo de vida diário dos povos indígenas Baré, pois se sabe que, hoje em dia, eles ainda vivem da prática da caça e da pesca e também de outros tipos de alimentos comestíveis que eles pegam da floresta. Esse tema irá contribuir para o entendimento sobre a minha própria cultura que é da Etnia Baré, onde também cultivam alimentos, como a macaxeira, a mandioca para fazer farinha, abacaxi, cará, batata e outros. E esses ensinamentos foram passados de pai para filhos, onde o trabalho é realizado no contexto da necessidade de se entender sobre a vivência dos povos indígenas na Amazônia, dando uma maior abordagem sobre os povos indígenas da etnia Baré, onde o homem passa a modificar as paisagens e reconstitui espaços mediante suas práticas sociais e sua interação com a natureza.

Contudo a pesquisa se faz necessária, justamente para auxiliar o conhecimento, o entendimento sobre essa determinada Etnia e também ajudar a compreender o território vivenciado pelos indígenas da etnia Baré, e as representações culturais que esse povo apresenta, suas culturalidades, suas manifestações culturais, seus marcadores territoriais, todos são de suma importância para a sociedade e a Comunidade do Cartucho da região do Médio Rio Negro do Estado do Amazonas, vem trazendo essa rica diversidade cultural que será apresentada com as contextualizações e conceitos apresentados, bem como a entrevista se servirá de subsídio para essa análise.

Ao entender como se apresenta o povo indígena Baré na comunidade Cartucho da região do Médio Rio negro ribeirinho, Estado do Amazonas, como reproduzem o seu

modo de vida e a cultura? Os aspectos culturais da etnia Baré se apresentam como uma estratégia de resgate do histórico da cultura e dos costumes da etnia?

Apresentando o objetivo geral do TCC, buscou compreender a territorialidade e os aspectos culturais da Etnia Baré na comunidade Cartucho da região do médio rio negro ribeirinho, estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. Como específicos, buscou entender como ocorre o processo de colonização enfrentado pelos povos indígenas da Amazônia; compreender os modos de vida da etnia Baré no estado do Amazonas; identificar os aspectos da cultura do povo indígena Baré como estratégia de resistência no estado do Amazonas.

O método da pesquisa é o dialético, que para Konder (2011 p. 8-9), fica claro que, na acepção moderna, entretanto, dialética significa outra coisa: é modo de pensarmos as contradições da realidade, de modo a compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. A área de estudo foi na comunidade do Cartucho da região Médio Rio Negro Amazonas – AM. Sobre os procedimentos metodológicos, apresentam-se os moradores da comunidade do Cartucho da região Médio rio negro que foram entrevistados com perguntas de forma semiestruturada, com observações da própria comunidade e registros de fotografias.

Em cada capítulo, foram discutidos os aspectos da cultura dos povos indígenas da etnia Baré. No primeiro capítulo, se apresenta a geografia dos povos indígenas e a perspectiva da descolonialidade, abordando sobre o processo de colonização e as práticas de descolonização e também o conceito de território/territorialidade e povos indígenas e as descolonialidade dos povos indígenas no estado Amazonas.

No segundo capítulo, foi possível abordar sobre os aspectos metodológicos para pensar a pesquisa geográfica indígena na Amazônia, onde o foco foi a investigação da territorialidade sociocultural da Etnia Baré na comunidade Cartucho, localizada na região do Médio rio Negro, no estado do Amazonas. Entende-se que este trabalho contou com uma pesquisa aprofundada utilizando o método dialético e a abordagem qualitativa.

No terceiro capítulo, foram discutidos os modos de vida dos povos indígenas da etnia Baré, a territorialidade da etnia Baré, no estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. Para compreender os aspectos culturais da Etnia Baré na comunidade Cartucho, é preciso entender primeiramente como ocorre esse processo de colonização enfrentado pelos povos indígenas da Amazônia, relacionando os modos de vida da etnia Baré, para identificar os aspectos da cultura do povo indígena como estratégia de resistência no Estado do Amazonas.

O processo colonial sobre os territórios dos povos indígenas foi uma história violenta, marcado por genocídio. Por isso, foram criadas organizações coletivas indígenas para lutar pela existência do modo de vida e cultura indígena. Nesse trabalho, serão analisados os aspectos da cultura dos povos indígenas da etnia Baré na comunidade do Cartucho da região Médio rio negro Amazonas – AM.

CAPITULO 1: GEOGRAFIA DOS POVOS INDÍGENAS E A PERSPECTIVA DA DESCOLONIALIDADE

Durante este capítulo, serão abordados sobre o processo de colonização e as práticas de descolonização. Sobre a colonialidade que é um padrão de poder que articula diversas dimensões da existência social e também o conceito de território/territorialidade e povos indígenas e, por fim, a descolonialidade dos povos indígenas no estado Amazonas.

1.1 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO E AS PRÁTICAS DE DESCOLONIZAÇÃO

A colonização foi um processo histórico, no qual países europeus estabeleceram assentamentos permanentes em territórios fora de seus próprios continentes. Isso geralmente envolvia a exploração, ocupação e controle desses territórios; muitas vezes, acompanhados da imposição da cultura, leis e sistemas políticos dos colonizadores sobre as populações nativas.

Segundo Santos (2017), a colonialidade é um padrão de poder que articula diversas dimensões da existência social. Trabalho, subjetividade, autoridade, sexualidade, cultura, identidade, entre outras, são todas dimensões constituintes das experiências sociais de indivíduos e grupos, e são constitutivas de um pacote de múltiplas relações de poder que, imbricadas, constituem a “colonialidade” (Santos p. 60, 2017).

Sobre a colonização da Amazônia, aborda-se que teve início com a chegada dos europeus ao continente americano. Inicialmente, exploradores como os espanhóis e portugueses adentraram a região em busca de riquezas, como o ouro, e também para estabelecer rotas comerciais e expandir seus impérios (Santos p. 60, 2017).

A invasão do território amazônico ocorreu por meio da exploração econômica, com a extração de recursos naturais valiosos, como o látex (borracha), madeira, minérios, entre outros. Isso levou à criação de assentamentos, fortificações e vilas ao longo dos rios, enquanto os colonizadores buscavam controlar e explorar os recursos naturais da região. A categoria de análise da geografia, nesse contexto, concentra-se na ocupação do espaço geográfico, na exploração dos recursos naturais, na delimitação de fronteiras e na transformação da paisagem pela ação humana, além das relações socioeconômicas estabelecidas entre colonizadores e populações nativas ou locais (Santos 2017).

E ainda, segundo Santos (2017), “esta se vale, portanto, de hierarquias sexuais, políticas, epistêmicas, econômicas, espirituais, linguísticas e raciais de dominação, operando em diversas escalas, desde a global até as interações entre dois indivíduos”. Ainda conforme Cruz (2017), no que se refere às heranças culturais se entende que a ideologia se encontra de forma inferiorizada, diante das maneiras como foi imposta a colonização, entende-se que essa colonialidade se apresenta como uma relação de poder sobre o território. Contudo entende-se que é apresentando essas diferenças culturais, econômicas e sociais, segundo Cruz (2017) que aborda:

Esse processo permaneceu uma profunda colonização epistêmica, inclusive no pensamento crítico, que resultou em uma cosmovisão claramente arraigada no eurocentrismo, expresso nas formulações teóricas, na forma como construímos nossos conceitos, na maneira como estabelecemos nossas interpretações, comparações de fenômenos históricos e sociais e, enfim, na maneira de produzimos conhecimentos, modos de significação e de produção de sentido ao mundo” (Cruz, 2017, p. 18).

Na perspectiva do ser humano, brasileiro e indígena é possível salientar que essa “modernidade” não trouxe uma colonização amistosa, pois para ambos foi tangível, onde ainda, conforme Cruz (2017), “a colonialidade como herança cultural, cognitiva e epistêmica está materializada no eurocentrismo que atravessa e orienta até os dias atuais”. Assim:

E nesse processo de colonização que iniciou em 1530, se sabe que as formas de poder sobre o território, foram construídas de maneira obrigatória. “E esses diferentes projetos moderno-coloniais resultaram em formações socioespaciais diversas, com construções de Estado-nação particulares, formações de classes, processos de hierarquização racial e gênero que constituem padrões de poder, formas de resistências e construção de diferentes sujeitos políticos e lutas descoloniais com muitas expressões e matizes” (Cruz, 2017, p. 29).

A ideologia da colonialidade é uma relação que envolve a superioridade de um pensamento ocidental e “civilizado” (colonizadores); e. de inferioridade, voltado aos povos indígenas, pois são territorialidades são diferentes e que possuem relações de conflitos. Conforme Ferreira (2017):

A ideologia colonial os inseria num lugar da “inferioridade” material, econômica, cognitiva/de saberes, cultural/simbólica, cosmológica, de organização social, e desta maneira a colonização impunha-se na esfera cognitiva, elegendo a perspectiva do conhecimento europeu como superior: a colonialidade do saber e do poder. Tal classificação resultou introjetada no imaginário colonial e ainda hoje permanece numa relação sedimentada de colonialidade (Ferreira, 2017, p. 180).

A conjuntura que levou Portugal a dar início à colonização de violência e exploração do Brasil. Reuniu aspectos interno e externo, como o caso dessa primeira divisão administrativa e territorial implantada pelos portugueses durante a colonização, as capitânicas hereditárias. Tinham como principal característica, a divisão do território em quinze (15) grandes faixas de terra, ou seja, com comandas individuais ou melhor com donatários, cujo a intenção seria de conseguir desenvolver economicamente a sua região, conseguindo promover assim, o desenvolvimento populacional.

Atualmente na Amazônia, centenas de etnias buscam compreender suas histórias em meio a batalhas e perdas ainda no século XXI, onde os grupos étnicos sofrem com a restrição territorial e também a usurpação das terras dos seus ancestrais, que se mantêm firmes na luta contra a invisibilidade imposta devido a causa da colonialidade. E, afinal, o que é essa colonialidade, que apresenta essa relação de poder com os colonizadores e trouxe a modernidade para dinamizar essa relação:

A colonialidade constitui-se enquanto relação de poder que cristalizou uma pretensa superioridade dos povos de origem europeia, brancos, capitalistas e cristãos, sobre os povos de origens diversas, não brancos, não capitalistas, não cristãos e que orientam a reprodução da própria existência material, simbólica e afetiva a partir de outros referenciais cosmológicos. A Modernidade era criada, portanto, numa relação direta com a Colonialidade (Ferreira, 2017, p. 180).

Constata-se uma relação de poder eurocêntrica e ocidental que se percebe como superior a outras culturas dos povos originários. E fazendo relação sobre alguns dos principais fatos do Brasil colonial, que historicamente se sabe que os povos nativos falavam uma diversidade de línguas que eram diferentes dos colonizadores, bem como apresentavam uma cultura diferente, que era marcada por técnicas primitivas, onde existia a caça e a confecção de objetos, que eram usados para sobreviver no território.

Ainda conforme Abreu (1998), “vejamos agora a marcha para o Amazonas. Longo tempo estacionaram o povoamento na ilha de Itamaracá e no continente fronteiro”. Onde é perceptível identificar os primeiros indícios que a colonização seguia agora para o Amazonas. Segundo Abreu (1998):

Os potiguares da serra entretinham boas relações com os colonos, que visitavam pacificamente as aldeias; os da praia, sempre amigos dos franceses, faziam com estes bons negócios na Paraíba, onde não os perturbavam os portugueses, contentes com breves excursões à procura de âmbar, abundante por aquelas plagas até o Ceará, e com o pau-brasil trazido do interior pelos próprios índios (Abreu, 1998, p. 67).

E essa compreensão do processo histórico de colonização (povos e territórios),

é essencial para a construção, reconhecimento e fortalecimento da identidade cultural, e percebendo essas diferenças e as semelhanças, é possível compreender a própria identidade e papel social com as territorialidades, que sofrem até hoje com a violação dos direitos sobre o território e a negação dos seus corpos-identidade. Pois, a história da formação territorial de um país ocorreu na base da violência e exploração do trabalho dos povos indígenas.

Segundo Abreu (1998), após se tem a conquista do rio Grande, possibilitando o encurtamento da distância ao Maranhão e Amazonas. Desde os primeiros tempos, a questão geográfica tem influenciado os processos de colonização no Amazonas, até hoje um dos principais meios de transporte para a população da região Norte, é as embarcações fluviais, devido os rios serem extensos e volumosos, o que acaba possibilitando à navegação sobre os rios.

A penetração no Amazonas prosseguia lentamente: pela margem setentrional tratara-se apenas de eliminar os entrelopos; ao Sul a aldeia Maturu, na margem direita do Xingu, também chamado Parnaíba, durante algum tempo permaneceu o posto mais ocidental; ante as flechas envenenadas do gentio do Tapajós estacaram as entradas. A marcha precipitou-se a partir de 1637 com a chegada de dois leigos franciscanos vindos do pé dos Andes. Jácome de Noronha, que com certo atropelo de formas sucedera no governo por falecimento de Francisco Coelho de Carvalho, resolveu abrir relações com as dependências cisandinas de Castela. Pedro Teixeira, incumbido desta missão, partiu a 17 de outubro águas a riba do rio-mar, em 15 de agosto de 38 alcançou o Paiamino, afluente do Napo, e seguiu para Quito (Abreu, 1998, p.121).

No ano de 1693, aos poucos, foram sendo guiados aos seus territórios, para então "desenvolvê-los", o que na realidade se sabe que as principais ocorrências nessas localidades foram a construção de uma ideia e imagem de "civilização", baseada no extermínio, na exploração, no povoamento e nas conquistas e domínios territoriais de uso dos povos indígenas. Foram determinados os territórios em que cada uma das ordens poderia estabelecer missões: aos jesuítas concedeu-se a margem meridional do Amazonas; aos franciscanos as terras de cabo do Norte até o rio Urubu; às carmelitas coube o rio Negro (Abreu, 1998).

E, assim, aconteceu o processo de colonização nos territórios indígenas ao longo do Amazonas, porém se sabe que os termos civilização, extermínio, exploração, povoamento, conquistas e domínios, estão ligados às relações de poder exercidos entre as civilizações. Segundo Abreu (1998), desde a terceira década do século XVIII, essa Amazônia, tem o principal e o maior rio em volume de água do mundo, porque é

cortada de rios caudalosos e desimpedidos, com uma enorme diversidade de produtos vegetais e animais, resultando no modo de vida amazônico.

Apesar de todas essas dificuldades, Dom Pedro II sancionou, em 5 de setembro de 1850, a Lei Imperial N° 582, elevando a Comarca do Alto Amazonas à Província do Império, com o nome de Província do Amazonas, Abreu (1998):

Incumbido de dirigir a demarcação das fronteiras do Norte, Mendonça Furtado reclamou das aldeias as centenas de remeiros necessários ao progresso da comissão, os milhares de alqueires de farinha e outros gêneros necessários à manutenção de toda esta gente durante anos. O Pará moderno, servido por navios a vapor, comerciando com os dois mundos, estaria à altura de tamanhas exigências; não estava a Amazônia antiga, ocupada na extração do cravo, da salsaparrilha, do cacau, sustentada quase exclusivamente pela pesca, muito feliz quando a pequena produção agrícola bastava para o consumo ordinário (Abreu, 1998, p. 172).

Chega-se à conclusão de que esse contato com os colonizadores manifestou em conflitos de culturas e de identidades étnicas, pois os principais povos residentes do território brasileiro são os povos originários, dentre os quais tiveram seus corpos e territórios explorados e escravizados e, posteriormente, incluíram e continuaram a dominação e controle territorial por meio do processo de escravização do povo negro trazidos da África.

Ao conhecer o processo de colonização e também a história dos povos indígenas no território brasileiro, sabe-se que o Brasil não foi descoberto pelos portugueses e sim invadido, objetivando explorar e promover a obtenção de riquezas naturais, explorando a força de trabalho e os recursos naturais (drogas do sertão e/ou especiarias), na qual é fortalecido no processo de expansão de um pensamento e ação colonial.

1.2 O CONCEITO DE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE E POVOS INDÍGENAS

O conceito de território refere-se a uma área delimitada geograficamente, sobre a qual um grupo social, uma comunidade ou uma entidade política exerce controle, autoridade ou influência. Segundo Haesbaert, (2004), o conceito de território pode ser definido por fronteiras físicas, como rios, montanhas, linhas imaginárias ou ser mais fluido, baseado em aspectos culturais, econômicos ou políticos

A territorialidade, por sua vez, está associada às práticas, percepções e reivindicações das pessoas ou grupos sobre o território que ocupam. Segundo Sack, (1986 *apud* Haesbaert, 2004), envolve a maneira como os indivíduos ou comunidades se relacionam e se identificam com o espaço geográfico ao seu redor, marcando-o com símbolos, práticas culturais, atividades econômicas e políticas, pois a abordagem de território deve compreender as relações entre espaço, poder e identidade. E, quando se trata da conceituação e abordagem de território:

Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. Controla-se uma “área geográfica”, ou seja, o “território”, visando “atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (Sack, 1986, p. 6 *apud* Haesbaert, 2004, p. 3).

Entende-se que é necessário saber sobre a história do território, averiguar os pioneiros, que tiveram que iniciar uma construção de saberes, costumes e tradições, para depois dizer quem está fazendo parte dessa construção, e assim iniciam-se as abordagens sobre a localidade de estudo. Que se apresenta da seguinte forma: Ao longo do Rio Xié e alto curso do Rio Negro, no Noroeste da Amazônia, vivem aproximadamente 10.600 Barés, eles são da família linguística Aruak e atualmente não falam mais seu idioma original, sendo extinto desde 1950. E mediante a compreensão da territorialidade de vida e cultura da etnia Baré no estado do Amazonas, apresenta uma abordagem sobre a luta por territórios sociais, culturais e políticos.

Com isso sabe-se que as relações sociais e o ambiente determinam o uso e a transformação do território. “Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação” (Haesbaert, 2004, p.1-2).

As comunidades da localidade são Labi, o São Francisco, o Cué-cué, a Acariquara, a Canafé, os Tabocais dos Pereiras, a Campinas do Xié e a Campina do Rio Preto que vivem às margens do rio e tiram dele proveito para suas atividades: transporte, lazer, higiene pessoal, pesca e preparação de alimentos e também a comunidade do Cartucho.

Ao abordar sobre a temática relacionada com a territorialidade da comunidade em questão trazendo a discussão sobre a etnia Baré, é possível entender que o território é conhecido como um espaço delimitado onde o homem mantém sua relação de sobrevivência e subsistência, sabendo que esse território está relacionado a concepção de

pertencimento, de apropriação e conseqüentemente dá origem ao espaço geográfico onde se pratica a vida, trabalho e a cultura ancestral dos povos indígenas da Amazônia. Assim, a territorialidade é entendida:

A territorialidade pode ser compreendida como abstração teórica para território ou ter um sentido efetivo, tanto material (controle físico), quanto imaterial (controle simbólico, imaginado) e, também, na concepção de espaço vivido. Pode ser entendida como uma concepção mais ampla que território, sendo tanto propriedade dos territórios quanto condição para efetivação; territorialidade como sinônimo de território (qualidade inerente) ou, por fim, territorialidade com sentido distinto de território, sendo vista em duas perspectivas: no âmbito da imaterialidade (quando se trata de território como algo concreto) e o domínio do vivido e não institucionalizado; e territorialidade como uma das dimensões de território, a que remete à identidade territorial. (Haesbaert, 2014 apud Fuini, 2017, p.6).

A ação da territorialidade e/ou de territorialização dos povos indígenas da Amazônia, marca relações de poder que é simbólico e identitário, ou seja, uma extensão da ação que ocorreu por meio do contato com os colonizadores exploradores do território.

Sua alternativa é sempre uma ação não-territorial. [...] existem graus de territorialização e [...] a territorialidade ocorre em todas as escalas, desde um cômodo até ao nível do Estado-nação. Territorialidade não é um objeto, mas uma relação. Uma sala pode ser um território em um momento e não mais em outro (SACK, 1983 p.56).

Ao apresentar um exemplo, sobre como é as comunidades dos indígenas da etnia Baré do Amazonas, hoje se sabe que são divididos em comunidades e são essas comunidades que se apresentam como a territorialidade do povo indígena Baré, “é uma expressão geográfica primária do poder social”. É o meio pelo qual, espaço e sociedade se inter-relacionam (Sack, 1983 p.56).

QUADRO 1 – ABORDAGEM SOBRE CONCEITO DE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
(SACK,1986)	(SACK,1986)
Distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. Controla-se uma “área geográfica”, ou seja, o “território”, visando “atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (SACK, 1986, p.6 apud HAESBAERT, 2004, p.3).	“A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico, através do qual nós experimentamos o mundo e adotamos de significado” (SACK,1986, p. 219).

Fonte: Organização: Calistro, G.B., (2022).

Sobre os aspectos culturais da Etnia Baré, sabe-se que as representações

culturais e as territorialidades dos povos indígenas Baré são apresentadas no espaço de ação com suas formas e representações simbólicas, que permitem interpretar parte das relações no interior de determinadas coletividades, assim como suas relações de externalidades, porém devem ser contextualizados pedaços, em esferas de ação separadas. Assim:

A cultura por ser dinâmica sofre alterações no espaço-tempo, em decorrência da tecnologia, transmissão de conhecimento e comportamento entre as gerações humanas, entretanto muitos de seus fenômenos não se diluem integralmente (Almeida, 2010, p. 95).

Os componentes da cultura apresentam-se como a ideia da cultura e a sua complexidade, atuando e legitimando o espaço com base nas representações simbólicas que operam na concepção do espaço de ação, denominado de marcadores territoriais (Almeida, 2010). Ainda conforme autor:

A cultura produz o sentido de afirmação, de pertencimento no mundo e de representar-se perante o Outro, e possui como característica o processo de incorporação, como refazer-se dialeticamente, mas não como um processo denegação do seu Eu e do seu Outro Eu. Conjecturar que a cultura perde sua identidade, em certos casos, tem o significado de sofismar e negar – a partir de um olhar míope – a realidade das representações, personificações e ações que ocorrem no espaço. Infelizmente, essa é uma visão daqueles que não vivenciam criticamente a experiência do espaço e constroem anacronicamente um modelo estrutural, de que os coletivos humanos, especialmente os indígenas, devem permanecer congeladas numa temporalidade espacialidade fora da realidade dos dias atuais (Almeida, 2010, p. 95).

Antigamente, em meados do século XVII, quando chegaram ao baixo rio Negro, “a única economia local era o extrativismo. Para sobreviver, os Baré aderiram a essa atividade econômica local o que lhes foi difícil por ser uma atividade totalmente diferente ao que eram acostumados: à agricultura de subsistência” (Proença, 2019). Diante dessa realidade, toda da família participava do processo de plantio e colheita, onde as mulheres e crianças tinham um papel fundamental, pois, também ajudavam com o trabalho pesado ao passo em que suas atividades tradicionais ficavam cada vez mais de lado.

[...] as expressões dos indígenas consideram que existe uma complementaridade, isto é, o contato não trouxe apenas "coisas" ruins, mas também apresenta virtudes - para tanto, colocam a saúde e a educação como algo que tem possibilitado o acesso daquilo que não possuíam antes do contato de modo que apreenderam e aprenderam códigos, significados e representações que permitem dialogar com a sociedade abrangente. (Santana, 2020, p 122).

Na atualidade, a forma de subsistência dos territórios dos povos indígenas Baré, são os produtos como: pescaria caça, farinha, tapioca, beiju cica, maçoça, artesanato e outros tipos, e acaba contribuindo a própria subsistência e a rentabilidade da comunidade destacada, a comunidade do Cartucho. Os serviços básicos que existem na região médio rio Negro na comunidade do Cartucho, são o posto de saúde, as duas escolas, Escola Estadual e Escolas Municipal atualmente, e hoje em dia os povos Baré têm assistência da equipe do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), que atua na comunidade com a saúde dos indígenas.

Até hoje, ainda prevalecem os costumes, como benzimento do pajé, caraymam quando a menina fica menstruada pela primeira vez e quando as mulheres indígenas estão de resguardo, alimentos como beiju, peixes muquiado e outros tipos de alimentos típicos, o modo de fazer roça um membro da família, como o pai marca a data para fazer ajury para fazer a roça e todos se reúnem para ajudar e assim para toda a comunidade. Todo esse conjunto de elementos e/ou marcadores territoriais, constitui a territorialidade do povo indígena da Etnia Baré.

1.3 PERSPECTIVA DA DESCOLONIALIDADE E ASPECTOS DA CULTURA DO POVO INDÍGENA BARÉ DO AMAZONAS

Ao trabalhar a descolonialidade, na perspectiva do povo indígena da etnia Baré, significa valorizar a sua vida, cultura e identidade e organização coletiva. Sobre os aspectos culturais da Etnia Baré, sabe-se que as representações culturais e as territorialidades dos povos indígenas Baré são apresentadas no espaço de ação com suas formas e representações simbólicas, que permitem interpretar parte das relações no interior de determinadas coletividades, assim como suas relações de externalidades, porém devem ser contextualizados pedaços, em esferas de ação separadas.

Conforme Almeida (2010, p. 95), “a cultura por ser dinâmica sofre alterações no espaço-tempo, resultando na transmissão de conhecimento e no comportamento entre as gerações humanas”. E esses componentes da cultura apresentam-se como a ideia da cultura e a sua complexidade, atuando e legitimando o espaço com base nas representações simbólicas que operam na concepção do espaço de ação, com base nos marcadores territoriais.

A cultura produz o sentido de afirmação, de pertencimento no mundo e de representar-se perante o Outro, e possui como característica o processo de incorporação, como refazer-se dialeticamente, mas não como um processo denegação do seu Eu e do seu Outro Eu. Conjecturar que a cultura perde sua identidade, em certos casos, tem o significado de sofismar e negar – a partir de um olhar míope – a realidade das representações, personificações e ações que ocorrem no espaço. Infelizmente, essa é uma visão daqueles que não vivenciam criticamente a experiência do espaço e constroem anacronicamente um modelo estrutural, de que os coletivos humanos, especialmente os indígenas, devem permanecer congeladas numa temporalidade espacialidade fora da realidade dos dias atuais (Almeida, 2010 p. 95).

Antigamente, em meados do século XVII, quando chegaram ao baixo rio Negro, segundo Proença (2019), a única economia local era o extrativismo. Para sobreviver, os Baré aderiram a essa atividade econômica local o que lhes foi difícil por ser uma atividade totalmente diferente ao que eram acostumados: à agricultura de subsistência.

Diante dessa realidade, toda família participava do processo de plantio e colheita, onde as mulheres e crianças tinham um papel fundamental, pois, também participavam do trabalho pesado ao passo em que suas atividades tradicionais ficavam cada vez mais de lado. Conforme Santana (2020):

[...]as expressões dos indígenas consideram que existe uma complementaridade, isto é, o contato não trouxe apenas "coisas" ruins, mas também apresenta virtudes- para tanto, colocam a saúde e a educação como algo que tem possibilitado o acesso daquilo que não possuíam antes do contato de modo que apreenderam e aprenderam códigos, significados e representações que permitem dialogar com a sociedade abrangente (Santana, 2020, p 122).

Na atualidade, a forma de subsistência dos povos indígenas Baré são os produtos como: pescaria, caça, farinha, tapioca, beiju cica, mandioca, artesanato e outros tipos de alimentos, e acaba contribuindo com a própria subsistência e a rentabilidade da comunidade destacada, a comunidade do Cartucho.

Os serviços básicos que existem na região médio rio negro na comunidade do Cartucho, são o posto de saúde, as duas escolas, Escola Estadual e Escolas Municipal atualmente, e hoje em dia os povos Baré têm assistência da equipe do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), que atua na comunidade com a saúde dos indígenas.

Até hoje ainda prevalece os costumes, como benzimento do pajé, caraymam quando a menina fica menstruada pela primeira vez e quando as mulheres indígenas estão de resguardo, alimentos como beiju, peixes muquiado e outros tipos de alimentos típicos, o modo de fazer roça, um membro da família, quando o pai marca a data para fazer ajury para fazer a roça e todos se reúnem para ajudar toda a comunidade.

Para se entender como se destaca Povo Indígena Baré no estado das amazonas, primeiramente é preciso entender sobre as contribuições sociais desse povo Indígena Baré, e sobre as contribuições políticas e econômicas, têm-se primeiramente os aspectos da cultura, que na região do Rio Negro, entende como cultura as diferenças étnicas, que são marcadas na associação entre o povo e a sua língua. Assim, mesmo os Baré que hoje falam o Nheengatu e o Português, ainda são associados à sua língua-mãe por compartilharem traços simbólicos-indenitários segundo Figueiredo, (2016). Sendo assim:

A linguagem como expressão no simbólico é uma relação natural entre o ser e o não-ser e revela a relação de identidade como manifestação do ser e do não ser. Tal mediação é fundamental para a compreensão estruturante das ações e experiências humanas, como mito, religião, linguagem, história múltiplas relações que propiciam o espaço de ação e as experiências socioespaciais. (Almeida, 2010, p. 69).

Como aspectos da cultura Baré, ainda se tem formação da localidade, onde os povos da etnia Baré e cada família viviam em seus sítios, mas a escola existia, na época, e no início moravam apenas três famílias nessa localidade, as famílias que moravam distantes pertenciam à escola.

As culturas são regidas por representações, simbologias, historicidade e espacialidade e territorialidade. Os inúmeros símbolos são amparados em sua estrutura simbólica que se apresentam como históricos e simbólicos em suas formas, isto é, significativo e continuamente verificado nos mais diversos lugares. É a forma simbólica que fornece a função característica a cada objeto ou a uma ação, considerando-se ainda os valores próprios e imediatos ou históricos (Almeida, 2010, p. 67).

Naquele período, tinha a escolinha, durante o ano letivo todo final de semana as famílias se reuniam para fazer uma limpeza geral, esse tipo de mutirão se chama ajury, povo e quem formou mesmo essa localidade foram os padres, foram eles que construíram a escolinha na época.

E, assim, acontecia a construção da cultura e festividades na comunidade, os povos não só faziam limpeza, mas também festejavam as datas comemorativas, como Páscoa, dia dos pais, dia das mães e outros tipos eventos culturais, e cada família levavam seus alimentos para compartilhar com todos que estavam presentes no momento.

A trajetória humana presentificada nas experiências cotidianas tem revelado que símbolo e representação têm a mesma acepção. Entretanto, a maioria desenvolve várias outras especificidades conceituais. E segundo Almeida (2010), quando as crianças ficavam doentes, também se tinha a utilização das plantas medicinais e atualmente,

quando o povo adocece, também se utilizam os remédios medicinais para tratar as possíveis doenças e os benzimentos para curar as doenças.

Atualmente, devido ao decréscimo da atividade extrativa na região, provocada sobretudo por fatores externos, a categoria do “grande comerciante”, então está menos presente na região, porém na região ainda tem comerciantes de pequeno e médio porte que tiram dessa atividade, uma de sua principal fonte de renda.

A maioria dos pequenos comerciantes é indígena e a produção está identificada como patrimônio cultural Baré, onde as atividades que por eles representam sua cultura e modo de vida como: a roça de mandioca, a produção da farinha e a farinha em si, a produção de artesanato por palha, madeira e sementes, o ritual “dabucuri”, o futebol 'indígena', as histórias, o banho e canoagem pelo rio, são as identificações dos aspectos da cultura do povo indígena Baré como estratégia de resistência no estado do Amazonas.

QUADRO 2 - PRODUÇÃO DA VIDA ECONÔMICA E SOCIAL DA POPULAÇÃO LOCAL

ECONOMIA	SOCIEDADE
Normalmente, a partir do mês de outubro até fevereiro do ano seguinte, os índios iniciam um período preparatório, que se confunde com a época do ano em que as famílias permanecem nas comunidades ou sítios, dedicando a maior parte do tempo de trabalho às atividades agrícolas, de caça, pesca e coleta.	A população indígena do Rio Xié costuma trabalhar na extração da fibra da piaçabeira.
Em seguida, há o deslocamento para as barracas de piaçava, situadas a montante, período que pode durar até dois meses, dependendo da distância entre a comunidade e o ponto da barraca.	Uma rede de pequenos, médios e grandes comerciantes foi responsável em grande parte pelo deslocamento compulsório de populações indígenas de suas regiões de origem para as áreas de exploração extrativista
Trata-se, portanto, de um ciclo anual, em que a atividade extrativa não está dissociada das demais atividades cotidianas da vida Werekena e Baré,	O principal recurso natural cuja comercialização permite o acesso daquela população a alguns itens industrializados de que necessitam, estes adquiridos de comerciantes intermediários. Este é um fator que leva à continuidade dessa atividade na região e que lhe confere uma relevância social.
Do ponto de vista econômico e político, tal atividade mantêm-se com destaque entre os índios do Rio Xié, na medida em que a piaçava representa, juntamente com o cipó,	É nesse sentido que a exploração do trabalho extrativo pelos comerciantes é um dos componentes fundamentais para se compreender, hoje, as sociedades indígenas do Médio Rio Negro.

Fonte: Pagano, (2019). Organização: Calistro, G.B., (2022).

E também a dança da maníaca muraci que é uma representação da cultura indígena Baré. Dentre as festividades, se tem a visitação dos turistas, onde eles são levados para a maloca, para as serras, e para os morros que existem na localidade, oportunizando assim as descobertas do território, propagação da cultura e dos costumes, através da vivência

dos modos de vida dos indígenas da etnia Baré. Todo esse processo da territorialidade indígena no estado do Amazonas significa como a manifestação do modo de vida indígena da etnia Baré que reforça sua cultura no território.

CAPÍTULO 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA PENSAR A PESQUISA GEOGRÁFICA INDÍGENA NA AMAZÔNIA

A presente pesquisa teve como foco a investigação da territorialidade sociocultural da Etnia Baré na comunidade Cartucho, localizada na região do médio rio Negro, no estado do Amazonas. Onde entende-se que este trabalho contou com uma pesquisa aprofundada de cunho bibliográficos, documental, onde se entende que os procedimentos utilizados, visam fornecer um desenvolvimento do trabalho onde o método utilizado é o dialético e a abordagem qualitativa.

2.1 MÉTODO DA PESQUISA

Apresenta-se como método de pesquisa, o método dialético, onde por meio de seus conceitos, desenvolveram-se os objetivos e respostas para a problemática envolvida. Sobre o conceito do método dialético, entende-se que segundo Kosik e Karel,(1926), discorrem que é:

“A dialética não considera os produtos fixados, as configurações e os objetos, todo o conjunto do mundo material reificado, como algo originário e independente. Do mesmo modo como assim não considera o mundo das representações e do pensamento comum, não os aceita sob o seu aspecto imediato: submete-os a um exame em que as formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade, para se mostra- rem como fenômenos derivados e mediatos, como sedimentos e produtos da praxis social da humanidade. (Kosik; Karel, 1926, p. 20).

Ainda sobre a discussão do método, podemos apreender a ideia desse conceito pelo que foi discorrido por Gerhardt e Silveira (2009, p. 11) que compreende basicamente como um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados. Onde se tem uma reflexão inicial em busca de um direcionamento para o alcance do objetivo da pesquisa.

E sobre a abordagem descritiva, de acordo com Gil (2002), pesquisa descritiva é um método de investigação que busca analisar e explicar as características de um fenômeno ou grupo, sem interferência direta. Seu objetivo é fornecer uma visão detalhada e precisa da situação estudada, identificando padrões, comportamentos e relações. Por meio de técnicas como observação, entrevistas e análise documental, a pesquisa descritiva procura compreender a natureza do objeto de estudo, fornecendo uma base sólida para análises subsequentes, é frequentemente utilizada para documentar aspectos sociais,

culturais e comportamentais, contribuindo para o conhecimento aprofundado de determinado contexto.

Ainda quando se trata da pesquisa, se entende que é exploratória, e esse é um método investigativo que visa examinar um tema de forma inicial e ampla, buscando insights, identificando variáveis e propondo hipóteses. Utilizando técnicas como revisão de literatura, entrevistas abertas e observação, ela visa esclarecer conceitos e proporcionar uma compreensão inicial do objeto de estudo.

A abordagem da pesquisa é qualitativa e essa abordagem é muito importante no estágio inicial da pesquisa, permitindo ao pesquisador delinear questões mais específicas para investigações subsequentes, facilitando a definição de objetivos e a escolha de métodos adequados para estudos mais aprofundados (Pivesan, Temporini, 1995).

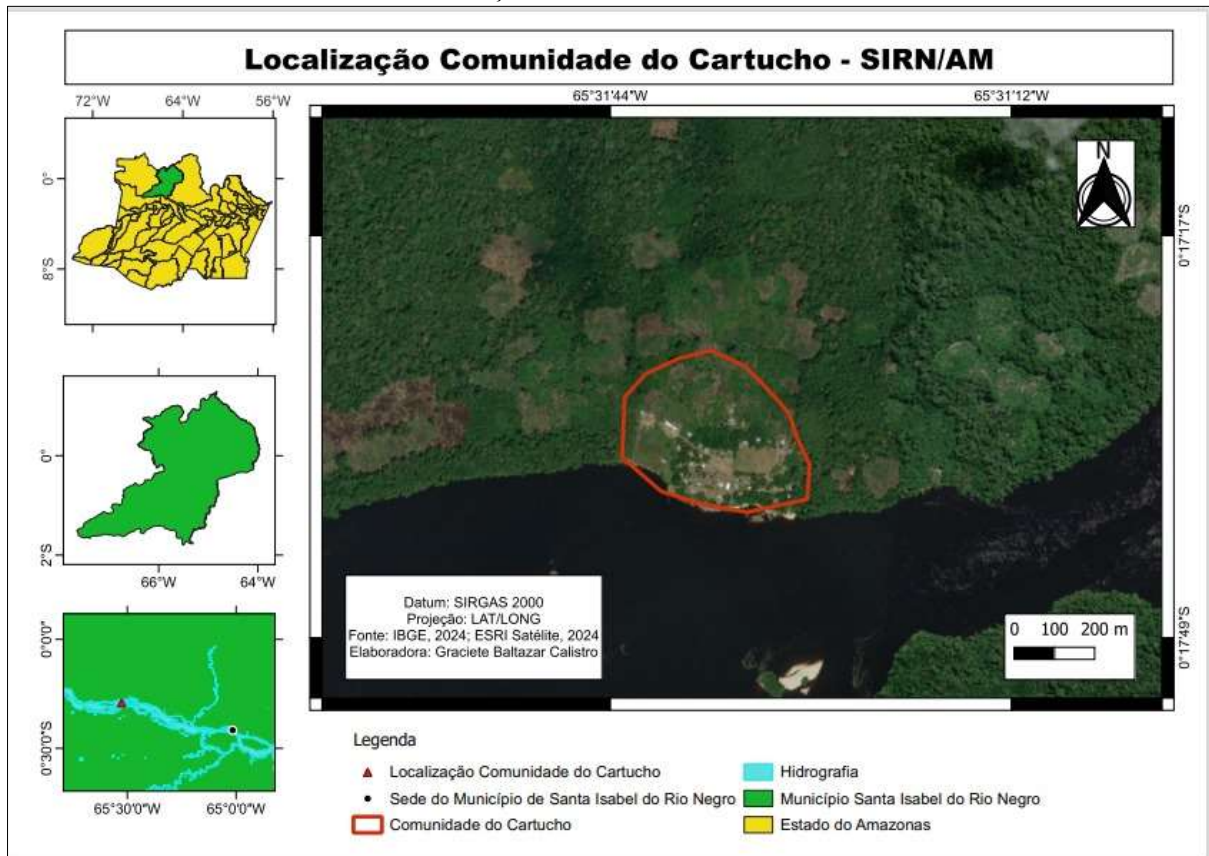
Os procedimentos adotados na pesquisa incluíram a pesquisa bibliográfica, que permitiu uma revisão crítica da literatura existente sobre a Etnia Baré, fornecendo uma base teórica sólida para a investigação. A pesquisa documental, por sua vez, envolveu a análise cuidadosa de documentos oficiais, registros históricos e documentos internos da comunidade, contribuindo para uma compreensão mais completa da trajetória da Etnia Baré.

2.2 ÁREA DE ESTUDO

A comunidade Cartucho, situada na região do Médio Rio Negro, localizada em Santa Isabel do Rio Negro (a 630 km de Manaus), é um representante singular do contexto ribeirinho amazônico. Incrustada nas margens desse imponente curso d'água, Cartucho é um microcosmo que encapsula a riqueza cultural e a vida cotidiana dessa comunidade ribeirinha na vastidão da Amazônia (figura 1).

As características geográficas do Médio Rio Negro conferem a Cartucho um cenário exuberante, com paisagens de densa floresta, rios sinuosos e uma biodiversidade única. Esse ambiente molda não apenas a paisagem física, mas também as tradições e o modo de vida dos habitantes locais, que têm na pesca, na agricultura de subsistência e na relação simbiótica com a natureza as bases de sua sobrevivência e cultura.

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE CARTUCHO



Fonte: CALISTRO, G.B., 2024.

A comunidade Cartucho é habitada majoritariamente por membros da Etnia Baré, conferindo uma identidade étnica marcante à região. A presença ancestral dos Baré influencia não apenas as práticas cotidianas, mas também se reflete nos rituais, nas expressões artísticas e nas tradições transmitidas de geração em geração. A territorialidade da Etnia Baré na comunidade é evidente nos modos de ocupação, nas práticas agrícolas adaptadas ao ambiente e na gestão comunitária dos recursos naturais.

No âmbito social, Cartucho apresenta uma estrutura comunitária sólida, onde os laços de solidariedade e cooperação são fundamentais para o bem-estar coletivo. A comunidade enfrenta desafios comuns, como a preservação ambiental, a garantia de acesso a serviços básicos e a preservação da língua e costumes Baré, desafios estes que são abordados por meio de estratégias de autogestão e parcerias com órgãos governamentais e organizações não governamentais (Pinheiro, 2011).

O rio Negro, além de ser uma fonte vital de sustento, também desempenha um papel central na vida social e cultural de Cartucho. As embarcações que cruzam suas águas conectam a comunidade a outras localidades ribeirinhas, facilitando trocas

culturais, comerciais e sociais. A comunidade é, assim, um ponto de convergência entre tradição e modernidade, onde a preservação das raízes culturais coexiste com a necessidade de adaptação às mudanças contemporâneas (Maximiano, 2014; Pinheiro, 2011).

A comunidade Cartucho na região do médio rio Negro ribeirinho é um exemplo fascinante da diversidade cultural e ambiental da Amazônia. Sua riqueza vai além das paisagens deslumbrantes, estendendo-se às tradições, relações sociais e formas de vida que, entrelaçadas, moldam a identidade única desse pedaço da vasta e imponente floresta amazônica.

2.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu por meio do trabalho de campo, na comunidade Cartucho, na região do Médio Rio Negro ribeirinho, nas datas do dia 20 e 21 de dezembro de 2023, que desempenhou um papel crucial na obtenção de informações específicas e contemporâneas sobre a realidade da comunidade Cartucho.

Foram utilizadas as técnicas de entrevistas semiestruturadas, com observações diretas na comunidade, onde foi possível fazer registros fotográficos na comunidade, proporcionando uma compreensão dos marcadores territoriais e dos modos de vida da Etnia Baré na atualidade.

Sobre as entrevistas semiestruturada, é possível descrever esse procedimento com o que foi perguntado (quadro 3) a quem foi perguntado (quadro 4), abordando sobre as questões de origem e formação territorial do povo indígena da etnia Baré, tradições e costumes, língua e história, arte e artesanato, relação com a natureza, educação e transmissão do conhecimento e desafios e preservação cultural, conforme o quadro 3.

QUADRO 3 - PERGUNTAS DO QUESTIONARIO SEMIESTRUTURADO PARA O TRABALHO DE CAMPO NA COMUNIDADE DO CARTUCHO

ORIGEM E FORMAÇÃO TERRITORIAL DO POVO INDÍGENA DA ETNIA BARÉ
Qual a história da comunidade e do povo e de onde vieram?
Como era a comunidade naquela época e quantas famílias possuíam?
Como era o modo de vida na comunidade? (O que produziam, consumiam, como eram as relações culturais e organização social e política)
Como eram as relações familiares, com a natureza e/ou com a terra/território?
Como eram desenvolvidas as atividades da vida, do trabalho (agricultura, extrativismo e artesanato) e da cultura?
Como eram desenvolvidos os rituais e as práticas de cura?
Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo povo?

O que mudou e o que permanece de tradições e/ou valores culturais e indenitários comparado ao que tinha no passado?
TRADIÇÕES E COSTUMES
Quais são as principais tradições e costumes que são valorizados e preservados dentro da comunidade?
Quais são os rituais ou celebrações mais importantes para a sua etnia? Poderia abordar brevemente?
LÍNGUA E HISTÓRIA
Qual é o idioma predominante falado na sua comunidade? Como é transmitido para as gerações mais jovens?
Existe alguma história ou mito ancestral que seja particularmente significativo para a sua etnia?
ARTE E ARTESANATO
Quais são as formas de arte tradicionais mais relevantes para a sua comunidade?
Existem técnicas de artesanato ou objetos culturais que são especialmente importantes para a etnia Baré?
RELAÇÃO COM A NATUREZA
Como é a relação da comunidade indígena com o ambiente natural ao redor?
Existem práticas de conservação ambiental ou conhecimentos tradicionais sobre plantas e animais que são transmitidos entre os membros da comunidade?
EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO
Como são transmitidos os conhecimentos tradicionais e culturais para as gerações mais jovens na comunidade?
Há instituições ou programas formais para preservar e transmitir a cultura indígena da etnia Baré?
DESAFIOS E PRESERVAÇÃO CULTURAL
Quais são os principais desafios enfrentados para a preservação da cultura e tradições do seu povo?
Quais ações ou iniciativas a comunidade considera importantes para garantir a preservação cultural no futuro?
Agradecemos imensamente a sua contribuição para este questionário, desde já pode-se dizer que as respostas são valiosas para compreender e proteger a riqueza cultural do grupo indígena da Etnia Baré.
OBS: E se houver algo mais O ENTREVISTADO gostaria de compartilhar, por favor, PODE fazê-lo.

Organização: Calistro, G.B., (2023).

QUADRO 4 - DESCRIÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUE PARTICIPARAM DO QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO NO TRABALHO DE CAMPO NA COMUNIDADE DO CARTUCHO

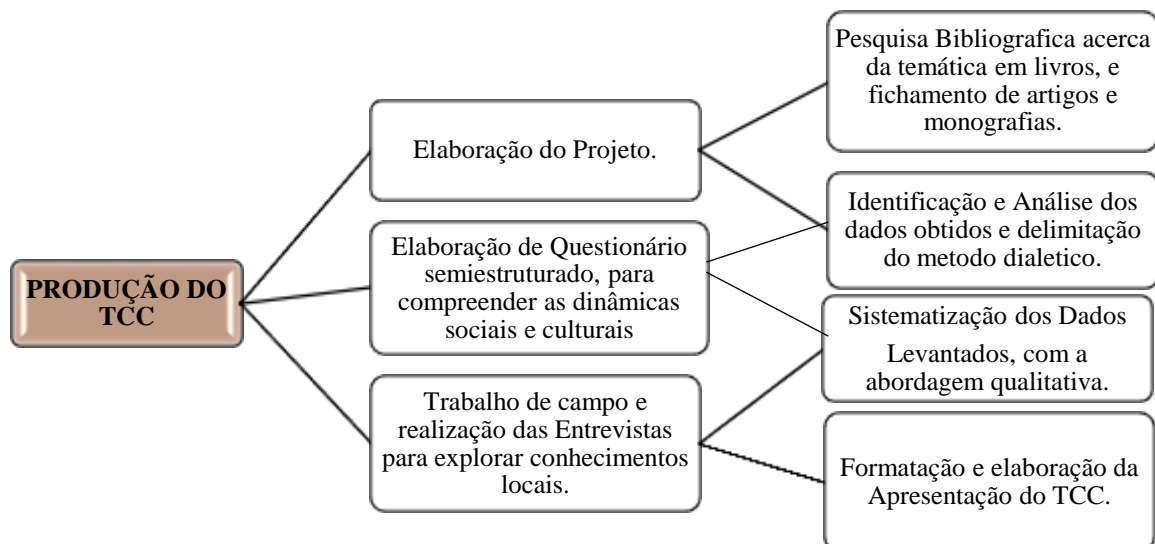
ENTREVISTADOS	FUNÇÕES
Primeiro entrevistado	Senhor Vamberto Plácido Rodrigues da etnia Baré, de 55 anos, função Liderança Indígena e coordenador da FUNAI
Segunda entrevistada	Senhora Sidônia Aular Baltazar da etnia Baré, de 69 anos aposentada e agricultura.
Terceiro entrevistado	Senhor Germano Sanches Baltazar da etnia Baré, de 59 anos função agricultor e administrador da comunidade Cartucho.
Quarto entrevistado	Senhor Jaciel Manoel Rodrigues da etnia Baré, de 38 anos função coordenador da pesca esportiva e presidente ACIR.

Organização: Calistro, G.B., (2023).

Com essas perguntas apresentadas no quadro 3 e os entrevistados apresentados no quadro 4, foi possível adquirir o conhecimento local sobre a História da Comunidade do Cartucho na região do Médio Rio Negro Ribeirinho, e ao realizar o trabalho de campo na comunidade, que aconteceu nos dias 20 e 21 de dezembro de 2023, onde na localidade, aconteceu as entrevistas semiestruturadas, com intuito de entender sobre a história do lugar, e na oportunidade se apresenta a localidade ou seja, a área de estudo que foi a comunidade indígena Cartucho, cujo nome oficial é São Tomé, localiza-se na Ilha de Wábada, na Terra Indígena Médio Rio Negro II, no médio rio Negro – AM, e com essa

estrutura foi possível produzir esse esquema (figura 2), com os procedimentos metodológicos adotados para essa pesquisa.

FIGURA 2 - ESQUEMA DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA PESQUISA







Elaboração: Calistro, G.B., (2023).

Os instrumentos de coleta de dados incluíram roteiros de entrevistas semiestruturadas, questionários e guias de observação, com registros fotográficos, garantindo uma abordagem abrangente para obtenção de informações. Durante a coleta de dados no trabalho de campo, os participantes foram abordados de maneira ética, com explicação transparente dos objetivos da pesquisa e obtenção de consentimento informado.

A observação, permitiu uma imersão na rotina da comunidade, enquanto as entrevistas proporcionaram perspectivas individuais e coletivas sobre a territorialidade da etnia Baré. O contexto desse capítulo se deu por entrevistas semiestruturadas com os seguintes entrevistados conforme o (Quadro 05).

QUADRO 5 - REGISTROS DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM CADA ENTREVISTADO NA COMUNIDADE DO CARTUCHO

ENTREVISTADOS	REGISTRO FOTOGRAFICO DOS ENTREVISTADOS
Primeiro entrevistado senhor Vamberto Plácido Rodrigues da etnia baré de 55 anos, função Liderança Indígena e coordenador da FUNAI	FIGURA 3 - PRIMEIRO ENTREVISTADO

	 <p>Fonte: Brazão, 2024</p>
<p>Segunda entrevistada senhora Sidônia Aular Baltazar da etnia baré de 69 anos aposentada e agricultura.</p>	<p>FIGURA 4 - SEGUNDA ENTREVISTADA</p>  <p>Fonte: Brazão, 2024</p>
<p>Terceiro entrevistado senhor Germano Sanches Baltazar da etnia baré, de 59 anos função agricultor e administrador da comunidade Cartucho.</p>	<p>FIGURA 5 - TERCEIRO ENTREVISTADO</p>  <p>Fonte: Brazão, 2024</p>
<p>Quarto entrevistado senhor Jaciel Manoel Rodrigues da etnia baré de 38 anos função coordenador da pesca esportiva e presidente ACIR.</p>	<p>FIGURA 6 - QUARTO ENTREVISTADO</p>  <p>Fonte: Brazão, 2024</p>

A análise foi conduzida com sensibilidade cultural, respeitando as particularidades da Etnia Baré e da comunidade do Cartucho. Desta forma, a análise de dados deste TCC não apenas validou os objetivos propostos, mas também lançou luz sobre as dinâmicas sociais e culturais que permeiam essa interação única entre um grupo étnico e seu território na região amazônica.

CAPÍTULO 3: TERRITORIALIDADE DA ETNIA BARÉ, ESTADO DO AMAZONAS, AMAZÔNIA OCIDENTAL

Durante as abordagens deste capítulo 3, está sendo apresentada a territorialidade da etnia Baré, no estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. E para entender sobre a expressão "Amazônia Ocidental", se sabe que geralmente está se referindo à parte ocidental da região amazônica, que é uma grande área de floresta tropical na América do Sul, que abrange parte dos países que compartilham a bacia amazônica, como Brasil, Peru, Colômbia, Equador e Venezuela. Onde conforme Santos (1986) aborda sobre o povoamento da Amazônia:

Com os órgãos de segurança de um Estado podem solicitar ou mesmo exigir de um governo o povoamento das regiões fronteiriças ou a construção de estradas, portos e aeroportos considerados como estratégicos. Para tomar um caso concreto, que pensar do povoamento da Amazônia pelos países incluídos em sua bacia, senão como um caso típico de política internacional sugerido pelas realidades do nosso tempo? Em todas essas hipóteses, o que também se está fazendo é criar instrumentos de produção, mesmo que seja sem relação voluntária com a necessidade de produzir (Santos, 1986, p. 148).

E, nesse entendimento, se apresenta a História da Comunidade, através de entrevistas realizadas em atividades de campo, onde os entrevistados falaram sobre a cultura do povo indígena da etnia Baré, o modo de vida atual da comunidade (economia, cultura e organização social e política) e também as resistências e os problemas enfrentados pela comunidade.

3.1. POVO INDÍGENA BARÉ: A HISTÓRIA DA COMUNIDADE DO CARTUCHO

Ao conhecer a História do lugar da Comunidade do Cartucho, na região do Médio (figura 7), busca-se se aprofundar sobre a territorialidade política e cultural da comunidade indígena Cartucho, cujo nome oficial é São Tomé, localiza-se na Ilha de Uábada, na Terra Indígena Médio Rio Negro II, no médio rio Negro – AM.

O resgate sobre história geográfica indígena do lugar, foi relatado pelo Entrevistado 1, aonde abordou que conheceu a história da comunidade por meio da primeira escolinha construída pelo povo indígena Baré. A história da comunidade Cartucho no Médio Rio Negro, que é bastante antiga ele conta que, certo dia, um viajante parou no sítio conhecido com o nome Colares, ilha de Uábada.

FIGURA 7 – COMUNIDADE CARTUCHO, SITUADA NA REGIÃO DO MÉDIO RIO NEGRO, LOCALIZADA EM SANTA ISABEL DO RIO NEGRO (A 630 KM DE MANAUS)



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

O mesmo saiu para caçar, e andando pela floresta, acabou se perdendo na mata e mesmo percebendo que estava perdido não sabendo qual rumo estava indo continuou caminhando até descer em umas lajes de rochas. Como estava muito tarde e era noite, não conseguiu voltar e dormiu naquele lugar, mas no dia seguinte ele voltou e conseguiu chegar de onde tinha saído para caçar " sítio Colares ".

Ao sair do lugar onde dormiu ele esqueceu na laje de Rocha sua patrona com cartuchos, no mesmo dia o pessoal que moravam quase próximo, viram eles passando, e nisso viram a patrona com cartuchos deixado na laje pelo caçador, e a partir deste dia foi chamado com o nome Cartucho esse lugar até hoje, uma territorialidade coletiva na comunidade indígena.

Da Amazônia ocidental brasileira, destaca-se como parte de um intrincado labirinto de inúmeras ilhas Segundo Pinheiro (2011) A ilha de Wábada, situada na bacia do rio Negro na meso-região do Noroeste. O rio Negro, nesse trecho, flui com grande velocidade, criando correntezas e perigosos 'rebojos' devido às fendas nas lajes de pedra do seu leito. (figura 7).

Essas condições desafiadoras, com correntezas e o constante perigo das pedras, representam um obstáculo para a navegação de embarcações menores, exigindo perícia e

habilidade dos práticos familiarizados com os perigosos meandros do rio Negro. Em termos paisagísticos, a região são notavelmente bela, especialmente durante a época de seca (figura 7), quando as lajes de pedra e as praias, de uma brancura que lembra a neve, ficam visíveis.

De acordo com Pinheiro (2011), na ilha de Wábada, encontram-se duas comunidades indígenas próximas, Cartucho a comunidade que foi escolhida como área de estudo e Wábada II, conectadas por trilhas terrestres e fluviais durante a enchente do rio. Nessa localidade, há abundância de recursos naturais, como palmeiras de açai, bacaba, patauá, buriti e injá, utilizados na produção de "vinhos" de alta qualidade.

A mata densa abriga castanheiras, sapupemas, imbaúbas e outras madeiras de excelente qualidade, utilizadas na construção de casas e na fabricação de canoas. Além das roças de mandioca (figura 8), os arredores do sítio incluem plantações de bananeiras e diversas árvores frutíferas, como mangueiras, goiabeiras, limoeiros, jambeiros, ingazeiros e sorva.

FIGURA 8 – ROÇAS DE MANDIOCA NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

A comunidade indígena do Cartucho é composta por representantes dos grupos étnicos Baré, Baniwa, Tukano, Pira-tapuya, Karapanã e Bará (figura 9). Esses grupos têm em comum o fato de partilharem elementos culturais distintos e se comunicarem em

Nheengatu, a Língua Geral Amazônica. Onde se sabe, essa comunidade é apresentada é território de uso coletivo das diferentes etnias indígenas.

FIGURA 9 – REPRESENTANTES DOS GRUPOS ÉTNICOS BARÉ, BANIWA, TUKANO, PIRATAPUYA, KARAPANÃ E BARÁ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

A sociedade não atua sobre a natureza em si. O entendimento dessa ação é o nosso trabalho e parte do valor que é dado àquele pedaço de natureza – valor atual ou valor futuro. É o caso da Amazônia. A ação presente, os interesses sobre parte do território, a cobiça, e mesmo as representações atribuídas a essa parte do território têm uma relação com o valor que é dado ao que está ali presente. “O que há na realidade é relação sociedade e sociedade enquanto território, sociedade enquanto espaço” (SANTOS, 1999, p. 18)

Nessa época, não havia nada nesse lugar, apenas lajes de rochas, ou seja, uma linda paisagem naquele lugar. No início da formação da futura comunidade do Cartucho, iniciou com três casas na época era só Sítio Cartucho. Com o passar do tempo, um dia, Pe. João Badalot chegou no sítio Cartucho, pediu para os moradores do sítio Cartucho construírem uma igreja coberta de palha parede embarriado. Naquele tempo existia um cafezal, um pé enorme de paricá, uma árvore medicinal e um pé de tucumanzeiro na frente

quase à margem do rio. No porto havia vários pés de tucumandazeiros e outras espécies de árvores na época. Nesse tempo, os primeiros moradores da comunidade Cartucho, eram o senhor Acelino da Silva e sua família, o senhor Joaquim Brasilino e sua família e o senhor e o senhor Damião Brasilino e família, sendo que esses indígenas, faleceram.

Em 2 de janeiro de 1959, um dos moradores do Sítio Cartucho, o senhor Elias Brasilino seu genro José Birino era professor, ele por livre espontânea vontade teve a ideia de convidar todas as crianças que moravam no mesmo Sítio para ensinar as letras e vogais. Um certo dia Pe. João Badalot chegou no sítio no momento que o professor José Birino estava lecionando e o Pe. João Badalot presenciou a aula do professor, viu que a casa do mesmo estava servindo um local de ensino, o Pe. João Badalot vendo essa força de vontade do professor e resolveu pedir para construíssem uma escolinha. O nome da escola é São Tomé, então, o professor José Birino saiu convidando os moradores vizinhos para construir uma escolinha feita de madeira e coberto de palha, assim foi construída a primeira escolinha. Atualmente ainda existe a escolinha São Tomé, porém está em outra localidade na mesma comunidade. (figura 10).

FIGURA 10 – ATUAL ESCOLA SÃO TOMÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

Em 10 de março de 1959, chegaram os primeiros missionários, Pe. João Badalot que fundou a Escola São Tomé, Pe. José Schneider, Pe. Antônio Góes, Pe. Clemente e Pe. Luiz. Esse momento significa o processo de colonização do território indígena das etnias Baré, Baniwa, Tukano, Pira-tapuya, Karapanã e Bará da comunidade do Cartucho. Ainda

sobre a história da comunidade Cartucho, o Entrevistado 1 exerce o cargo de liderança indígena, na comunidade também tem a atuação do coordenador da Funai. Antigamente em 10 de março de 1959, os dados documentais comprovam que os primeiros missionários que chegaram na região foram o Pe. João Badalot o que fundou a Escola São Tomé da comunidade Cartucho na região Médio Rio Ribeirinho, Pe. José Schneider, Pe. Antônio Goés, Pe Clemente e Pe Luiz.

Porém, antes da escola ser construída no sítio Cartucho na época era só sítio, um dia o Pe. João Badalot chegou em sítio chamado Curucuda, próximo sítio do Cartucho. Naquele tempo o povo da etnia Baré moravam em sítio, o Pe. João Badalot pediu para povo Baré que se reunissem, e nesse dia, perguntou a eles onde seria melhor o local para a construção da escola. Mas, não souberam responder no momento, então o Pe. decidiu que construíssem no sítio do Cartucho, onde o professor José Birino estava ensinando as crianças. Enquanto construíam a escola, o professor José Birino continuou lecionando em sua casa, até que a escola ficasse pronta.

Os primeiros professores que lecionaram na escola São Tomé da comunidade do Cartucho na região Médio Rio Negro Ribeirinho foram, José Birino, Jacinta dos Santos, Dulcina dos Santos Aleixo, Dilson Bradão, Maria da Conceição, Raimundo Ferreira, Miroslavo França, Ercília Duarte Reis. O Entrevistado 1 falou sobre a cultura do povo indígena da etnia Baré, pois o contato com colonizadores fez com que a própria língua materna Baré fosse extinta.

O que aconteceu, principalmente, foi que o povo Baré que perderam sua própria cultura, pois quando se fala sobre cultura, a língua, a crença, os costumes e as tradições são ressignificados socialmente e culturalmente (Haesbaert, 2004; Cruz, 2017). As tradições e os costumes foram sendo modificadas, sendo que muitos indígenas não conseguiram mais conhecer e praticar sua cultura no território Baré. Ocorre que nestes últimos séculos, o povo indígena da etnia Baré se deparou com a cultura dos colonizadores.

Para ele essa é a palavra certa, quando os colonizadores começaram a chegar no rio Negro, depararam-se com o povo Baré, porque o povo Baré moravam na calha do rio Negro, além de morar na calha do rio Negro, eles frequentam as suas moradias dentro dos afluentes, como Rio Maravilha e Rio Calburis. Era também território dos povos Baresi, o mesmo falou que: “fomos invadidos pelos colonizadores”, depois que invadiram trouxeram para o povo Baré a evangelização, disse que foi uma questão muito ruim para nós na época e, principalmente para os nossos antepassados, os primeiros missionários

que chegaram, primeira coisa eles proibiram dos nossos antepassados. Falarem a sua própria língua e, com isso, eles sofreram bastante e nós hoje demos só a sequência, e quando eles começaram a trazer o ensino.

O ensino e a aprendizagem desenvolvida para alfabetizar os povos indígenas da etnia Baré dos antepassados foram de forma forçada, porque foram os próprios colonizadores que invadiram primeiro nosso território Baré, e hoje nós sofremos essa consequência, eles deveriam manter as duas coisas, trazer a língua deles que é em português, e também manter a nossa própria língua original. Assim, poderíamos continuar com a nossa própria cultura, tradição e os demais costumes do povo Baré, isso, infelizmente não aconteceu, vieram e impediram tudo, todos os saberes e conhecimentos indígenas Baré.

Ele falou ainda, que conversou com os mais velhos que estudaram há muitos anos atrás, eles contaram que eles foram proibidos de falarem sua própria língua dentro do colégio, sendo que aquele que falasse a sua língua materna iria sofrer castigo, por isso foram deixando de falar sua própria língua Baré, esquecendo também seus costumes de sua língua, adaptando-se ao hábito dos homens não indígenas colonizadores, sendo que esses colonizadores tentavam fazer que a gente teria que ser igual os brancos, e isso era a ideia dos brancos.

Através disso também começaram a perseguir as grandes lideranças que é os conhecedores, que nós tínhamos no passado, como nossa médium, os nossos médicos conhecedores de nossa cultura ancestral. Os médicos do nosso passado, trabalhavam e faziam a cura pela nossa própria cultura, como a doença era tratada pela nossa cultura o indivíduo não sofria consequências e nem ficava com as cicatrizes no corpo. Hoje o estudo evoluiu e a medicina avançou através dos conhecimentos ocidentais (Cruz, 2017), mas que vem trazendo as consequências, que por mais que faça o tratamento, deixa as consequências, tipo uma cirurgia, o médico faz um corte, tirou a doença e o doente foi curado, mas a pessoa vai continuar sentindo.

A consequência por que nunca vai sarar bem. É diferente da cura dos nossos antepassados, como os pajés, benzedores e curandeiros eles curavam através dos espíritos, que hoje nós chamamos de rezador, ele vai “chupar” e soprar o cigarro, eles fazem aquele ritual, ou seja, cerimônia, a pessoa fica boa e não deixa consequência, e nós acreditávamos nisso que é a pajelança. (Pajelança que significa, um ritual que os pajés realizam através dos seus saberes e espíritos usando seus materiais, como, maracá, pedra, cangatára/cocá e cigarro, e nisso eles fazem o benzimento para a cura dos pacientes).

E, quando os colonizadores chegaram aqui foram impedindo-nos povos indígenas da etnia Baré a fazer isso. Eles falavam que essas práticas com rituais, fazia parte do “Diabo” na época, porque não trazia a parte da evangelização. No entanto, pouco tempo eles viram e analisaram que isso era uma cultura que vinham do próprio Deus também, era Dom de Deus, que vinham para aquelas pessoas específicas, porque nem todo mundo era pajé e rezador, eram algumas pessoas específicas que possuíam esse dom para ser médico e promover a cura das pessoas.

O senhor Vamberto Plácido Rodrigues, falou também sobre outras partes da cultura que é a tradição do povo Baré que eles chamavam de Kariamã. Isso era um preparativo das transformações da adolescência para a Juventude, seja homem ou mulher. No passado os pajés faziam esses preparativos por 30 dias, os pajés precisavam fazer seus benzimentos em jejum, sua alimentação era bem controlada e não podiam comer qualquer tipo de alimento, sendo que era a mulher que preparava os alimentos para os pajés e para a turma dos adolescentes.

Os costumes que mantemos até os dias de hoje, trabalhar na agricultura, comer alimentos naturais, como, peixes, caças, farinha, beijú, beijúchica, marapatá, farinha tapioca, farinha de pupunha, as gerações de hoje ainda continuam tomando benção dos mais velhos, fazerem ajurí (trabalho em mutirão) enfim.

No ritual das meninas (figura 11 e 12), é uma dança cultural, que é uma herança, mas já contemporânea reeventada, a dança da maniaka murasi (dança da mandioca) dançam para recepcionar na chegada dos turistas. A dança da mandioca que é a dança contemporânea foi criada em 2012 por um grupo de professores na comunidade Cartucho, nessa época passaram por um período por falta de roça que afetou quase aquela região toda arredores, e nisso tiveram essa ideia de criar essa dança contemporânea que é Maniaka Murasi.

FIGURA 11 – RITUAL DAS MENINAS DANÇA CULTURAL DAS MOÇAS DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO - A DANÇA DA MANIACA MURASI (DANÇA DA MANDIOCA)



Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

FIGURA 12 – RITUAL DAS MENINAS DANÇA CULTURAL COMTEMPORANÊA DAS MOÇAS DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

Já os rituais dos homens (figura 13 e 14), segundo Herrero e Fernandes, (2015), sobre o ritual dos homens Dabucuri, descreve:

Quando o pequeno grupo já sabjuderi, daar elkariama pado, Poronomiarep ou uma grande festa com dabukuri, adabie kuriama para deixar o povo pronto para uma nova caminhada, dizendo: "Agora que vocês já sabem de tudo o que lhes ensinei para viver, voltem para a terra de Tipa e tomem todas as mulheres que ainda possam ter filhos para serem vossas mulheres. Ai, então, vocês serão grandes, e numerosos, respeitados e serão conhecidos e chamados Baré-Mira (povo Baré) dito isso, ele sumiu misteriosamente. (Herrero; Fernandes, 2015, p. 34).

É o dabucuri, uma cultura contemporânea, é forma de presentear as mulheres com as artes feitas por eles mesmo e as mulheres com seus alimentos típicos, antigamente esse dabucuri era forma de homenagear o Tupanã (Deus) na época de fartura e manter os sempre alegre. Mais agora é o ritual dos homens para presentear as mulheres.

FIGURA 13 – RITUAL DOS HOMENS QUE É APRESENTADA COMO UMA CULTURA CONTEMPORÂNEA DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO - DANÇA DABUCURI



Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

FIGURA 14 – RITUAL DOS HOMENS INDIGENAS BARÉS - DABUCURI ERA FORMA DE HOMENAGEAR O TUPANÃ (DEUS)



Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

E sobre a religião, seguimos a religião católica desde que os jesuítas ou carmelitas nos ensinaram. (figura 15 e figura 16). E meus parentes, fazem celebrações festivas, dos preparativos quando vai acontecer uma reunião das lideranças indígenas, que faz parte da educação como professores, como guia dos turistas enfim.

O senhor Wamberto Plácido Rodrigues, pertencente ao povo indígena da etnia Baré, falou que nesse momento que os pajés estavam preparando uma determinada turma de adolescentes, e dentro desse tempo, os adolescentes iriam aprender a fazer o artesanato, artesanato geral, como o abano (figura 17), peneira, cumatá, tipiti e outros tipos artesanatos (figura 18)

FIGURA 15 – PROCISSÃO DA SEXTA-FEIRA SANTA

Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

FIGURA 16 – RELIGIÃO FESTEJO DO GLORIOSO SÃO JOAQUIM, FESTA DE SANTO

Fonte: Calistro, Raissa Melina Baltazar, (2023).

Com orgulho de ser indígena, sem apagar a identidade, pode-se andar de cabeça erguida porque não deve nada aos invasores do território. A importância do trabalho por questões de saber muitas coisas sobre as coisas valiosas que foram apagados no passado, do povo indígena da etnia Baré.

FIGURA 17 – ARTESANATO DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO - O ABANO



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

FIGURA 18 – ARTESANATO DA ETNIA BARÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO – BRINCOS E ACESSÓRIOS



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

Ainda segundo o entrevistado 1, todos esses aprendizados eram para utilizar na agricultura, ou seja, no trabalho da roça, a partir desses ensinamentos que receberam dos pajés. Esse era um estudo de saberes e conhecimentos que os povos indígenas da etnia Baré tinham no passado, mas que os missionários ignoraram, ou seja, acabaram com a nossa cultura, diziam que era do Diabo e, que isso não levava os Baré para o céu.

Muitos indígenas Baré morreram desesperados e tristes, porque perderam todo a sua cultura e mesmo assim, muitos tentaram continuar, mas com tempo reduzido, dentro de uma semana, faziam escondido e se alguém fosse denunciar, eles iriam ser punidos, portanto foi se acabando essa cultura original, foi porque os missionários impediram nossas tradições e costumes, sendo que os netos, bisnetos e tataranetos não quiseram mais saber da continuação de nossas práticas, o povo Baré foram os que mais foram afetados pela ação dos missionários.

3.2. MODO DE VIDA ATUAL DA COMUNIDADE DO CARTUCHO DA ETNIA BARÉ: ECONOMIA, CULTURA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Sobre os modos de vida da comunidade, percebe-se que diante da realidade existe uma grande falta de compromisso com as culturas existentes, porém é possível perceber que o desenvolvimento está sendo apresentado em forma educacional, em forma de inserção da saúde. Segundo Pinheiro (2011), no que diz respeito à infraestrutura, a comunidade dispõe de escola de ensino fundamental e médio, posto de saúde, centro comunitário e uma pequena capela. Além disso a Associação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas – (ACIR).

Associação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas – (ACIR), está localizada na comunidade. Quanto aos meios de comunicação, destacam-se a radiofonia, telefonia e, mais recentemente, a inclusão da internet devido à implementação das aulas semipresenciais do Ensino Médio pelo Ministério da Educação – MEC. Adicionalmente, os moradores têm acesso a dois telefones públicos (orelhões), duas antenas parabólicas para recepção de sinal de TV. No que tange aos meios de transporte, as opções mais utilizadas incluem a canoa movida a remo, a "voadeira" (bote de alumínio com propulsão a motor de popa) e o "rabetinha", (rabetinha que é um pequeno motor, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos) um motor mais leve e de fácil manobrabilidade fixado à popa da canoa.

A canoa é uma embarcação que se utiliza de madeira para sua construção e na localidade essa pratica é comum. (figura 19)

Na localidade, existem cerca de 40 residências, a maioria delas feitas de madeira e cobertas com zinco ou palha. Algumas habitações são consideradas tradicionais, com estruturas de esteios e caibros, ripas de paxiúba (tabuas, de madeira consumidas pelos indígenas para a confecção de casas, arcos, flechas e lanças, castiçal) amarradas com cipó Titica ou Ambé (é um espécie de cipó para fazer cestas, aturá pra carregar mandioca e para fazer outras coisas), paredes e cumeeiras (parte mais elevada de um telhado, na interseção de duas águas-mestras; cumeada, cavalete de telhado) cobertas com palha caranã (uma espécie de folha) e piso de terra batida. A casa em que fiquei era única, construída com a técnica de "pau-a-pique", (é uma técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo) utilizando caibros cobertos com barro e cumeeira de palha caranã, conhecida por sua resistência às intempéries.

FIGURA 19 – PRODUÇÃO DE CANOAS NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

Quanto à disposição espacial, as casas e demais edificações seguem um padrão recorrente em outras comunidades, alinhando-se paralelamente ao curso do rio dentro dos limites do terreno desmatado. As residências são construídas de frente para o rio,

mantendo uma distância de aproximadamente cem a cento e cinquenta metros das margens, dependendo da sinuosidade do rio.

As edificações que se destacam aos olhos dos visitantes que chegam pelo rio incluem a Escola, o Posto de Saúde e o Centro Comunitário. Essas estruturas, feitas de alvenaria, possuem pisos de cimento, coberturas de telhas de amianto e são pintadas em tons de verde-claro. Em todas as comunidades que visitei, essas construções são notavelmente semelhantes e facilmente identificáveis à distância. As antenas parabólicas e orelhões instalados estrategicamente em frente à Escola e ao Centro Comunitário também chamam a atenção, indicando áreas de maior concentração dos moradores.

A Escola, a Igreja e o Centro Comunitário, juntamente com as infraestruturas urbanas, parecem representar o espaço urbano na "aldeia". Na comunidade indígena do Cartucho, na frente do terreno, há duas fileiras paralelas de casas, algumas construídas pela Prefeitura há muito tempo e agora bastante deterioradas. Durante a visita do corpo médico e da equipe de saúde, duas dessas casas foram demolidas para criar uma via mais ampla de acesso à parte mais alta do terreno, facilitando o transporte de equipamentos e materiais.

As demais casas ficam na parte de trás do sítio, paralelas às linhas laterais do terreno, formando um grande quadrado. Nessa área, há um campo de futebol considerável e o "terreirão" (área livre para festejo), uma extensa área de terra batida utilizada para festas tradicionais e atividades como danças tradicionais e festas devocionais de Santos católicos. O "terreirão" também é o local preferido de jovens e crianças, que se divertem com atividades como vôlei, "pique-esconde"(brincadeira), "queimada"(brincadeira), e outros jogos infantis antes de se banharem no rio ao entardecer.

A principal fonte de sustento da comunidade é a plantação de mandioca para produção de farinha (figura 20 e 21). A alimentação básica inclui peixe, carne de caça e diversos produtos derivados da mandioca, como goma para tapioca, diferentes tipos de farinha, maçoça, tucupi, pé-de-moleque, arubé e beiju, este último disponível em duas variações: beiju-cica e kuradá.

FIGURA 20 – A MANDIOCA COLHIDA NAS ROÇAS NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

FIGURA 21 – PRODUÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA NA COMUNIDADE DO CARTUCHO



Fonte: Calistro, G.B., (2023).

Além disso, há um cultivo em menor escala de banana, abacaxi e outras frutas locais. Algumas mulheres se dedicam ao artesanato indígena, confeccionando itens como

o tupé (esteira de fibra de tucum), colares de sementes, miniaturas de fornos tradicionais feitos com argila e caraipé, e vassouras de cipó titica. Esses produtos são vendidos aos turistas que ocasionalmente visitam a ilha, proporcionando uma fonte adicional de renda. O excedente também é comercializado nas cidades próximas ou utilizado como meio de troca entre as comunidades locais.

Os habitantes locais utilizam métodos como anzol, linha, zagaia, malhadeiras e kacuris para pescar durante a época de cheia dos rios. O acesso aos rios é realizado por canoa, impulsionada por motores de rabeta ou remo. O pescado é consumido pela família e ocasionalmente é vendido às comunidades vizinhas. Além disso, a coleta, em menor escala, inclui itens como bacaba, açaí, pupunha, patauá, castanha, tucumã, jatobá, cucura, ingá, maracujá silvestre, cará do mato, mel de abelha e ovos de tartarugas como a irapuça ou a maniúara. Nas áreas ao redor das casas, são cultivadas frutas como goiaba, jambo, abacaxi, banana e limão. Como confirma a seguir a descrição na entrevista com a moradora.

A Entrevistada 2, a senhora Sidônia Aular Baltazar de 69 anos aposentada, indígena da etnia Baré, falou sobre a comunidade do Cartucho na região Médio rio Negro Ribeirinho como era naquela época, antigamente nas décadas de 1950 à 1980 na comunidade morava três famílias e os professores que lecionava naquele lugar.

Naquele tempo não chamavam de comunidade diziam escolinha, os indígenas Baré pertencentes da escolinha São Tomé maioria moravam pelos sítios na época, as famílias se reuniam quando havia, reunião, limpeza geral ao redor da escola ou nos dias importantes, como, entrega de boletim e datas festivas, fora isso, o povo indígena Baré não iam para a comunidade Cartucho.

Na época havia umas trinta famílias ela calculou, os filhos dos Bareanos que moravam não muito distantes se locomoviam de canoa e remo e os que moravam mais distantes havia internato para eles. O modo de vida dos povos indígenas Baré, por mais que moravam distantes um dos outros em seus sítios, mas quando faziam trabalhos tipo fazer roça, plantar e capinar, esses tipos de trabalho eram chamados de ajurí, “trabalho mutirão” suas festas tradicionais, com os festejos de Santo, as brincadeiras e os que fazem parte de suas culturas estão sempre unidos para realizarem o trabalho dos seus parentes. Como eles se consideravam, naquele tempo eles consumiam caça, peixes, aves, farinha, beijos, maçoca, tapioca, cará, batata, abacaxi, macaxeira e frutas nativos coletados na floresta, tudo isso era para sua subsistência, alimentos naturais que os povos indígenas da etnia Baré consumiam, raramente comiam alimentos industrializados.

As relações familiares com a natureza naquele tempo, segunda a entrevistada do povo indígena tinha bastante respeito pela natureza, porque da natureza que eles tiram suas substâncias, pois tudo que precisam para o consumo é da natureza que garante sua existência, ou seja, os indígenas são contra a destruição da natureza e o desperdício de peixes, caça e outros tipos de alimentos naturais. Desde então, têm essa consciência, a senhora Sidônia Aular Baltazar falou que a natureza tem seu guardião sua “Mãe”, por temos um grande respeito pela natureza, ou pela sua terra e território.

O Entrevistado 3, o senhor Germano Sanches Baltazar de 59 anos, indígena da etnia Baré, liderança da comunidade falou sobre as atividades desenvolvidas da vida dos povos indígenas Baré, falou que os trabalhos extrativismo eram individuais. Com isso eles deixavam sua família em casa e outros levavam suas famílias para irem trabalhar com produtos do extrativismo como borracha, piaçava, cipó, sorvete, batata e outros tipos de produtos extrativismo, os mesmos fiavam o básico para o consumo, tabaco, fósforo, sal, sabão, terçado, machado, querosene, ou seja, combostol (significa diesel), antigamente era chamado Combostol ou querosene) chamava assim é para seus vestuários, eram muito exploração naquele tempo.

Atividade era extrativa, associada a uma cultura de subsistência, faltavam-lhes densidade econômica e densidade demográfica para permitir o surgimento de sólidos organismos urbanos locais fora dos pontos de nucleação mais importantes, representados pelas cidades onde estava sediado um poder político-administrativo associado a funções especulativas com certo relevo.

Os empregos públicos e privados assim criados por essas atividades de relação, garantiam a essas aglomerações privilegiadas um fermento de vida, enquanto a interdependência local de funções assim criadas assegura a tais cidades a continuidade de sua importância relativa junto às respectivas áreas de influência, ainda que sua população e seu movimento econômico estagnem ou baixem, tanto em termos absolutos como em relação a outras cidades e regiões do País. Na Amazônia, trata-se de um modelo claramente macrocefálico, devido a uma divisão do trabalho incipiente e que apenas se reproduz, sem quase se alargar (Santos, 1993, p. 60).

Onde é possível entender que o profissional precisa se preparar para o trabalho, e as vezes as condições de empregos são com falta de igualdade, falta de equidade e por isso é necessário um planejamento diante dessa realidade.

3.3. AS RESISTÊNCIAS DO POVO INDÍGENA BARÉ NA COMUNIDADE DO CARTUCHO

O Movimento Indígena pode ser compreendido como uma iniciativa sócio-político-cultural que visa mobilizar e organizar as comunidades indígenas para discutir e buscar soluções para os desafios que enfrentam. Este movimento fundamenta-se nas demandas relacionadas à educação escolar indígena, terra, saúde e participação na política nacional. A participação política é vista como a abordagem mais eficaz para assegurar e desfrutar dos direitos indígenas, incluindo o direito social à educação.

No contexto do Rio Negro, a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) engloba mais de 60 associações indígenas de diversas etnias, localizadas nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Barcelos. A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), sediada em Manaus, também desempenha um papel central na região. Essas entidades possuem uma significativa capacidade de mobilização na Amazônia e estabelecem colaborações com organizações internacionais. Para abordar questões educacionais específicas, existem o Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia (COPIAM) e o Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM).

A comunidade do Cartucho, situada no médio Rio Negro, enfrenta uma série de desafios que impactam profundamente a vida dos seus habitantes. A falta de acesso a serviços básicos, como saúde e educação, é uma preocupação constante. A carência de infraestrutura adequada dificulta o transporte e a comunicação, isolando a comunidade e limitando suas oportunidades.

A questão da saúde é particularmente crítica, com a escassez de profissionais e recursos médicos. A distância das unidades de saúde mais próximas torna o atendimento médico precário, deixando os residentes vulneráveis a doenças e complicações que poderiam ser prevenidas com um sistema de saúde mais eficiente.

A educação também é afetada, com escolas muitas vezes carentes de estrutura adequada e professores capacitados. O acesso limitado a materiais didáticos e tecnologia educacional cria obstáculos para o desenvolvimento acadêmico das crianças, comprometendo suas perspectivas futuras.

Além disso, a falta de oportunidades de emprego e alternativas econômicas sustentáveis contribui para a pobreza persistente na comunidade. A pesca e a agricultura,

atividades tradicionais da região, enfrentam desafios devido às mudanças ambientais e práticas insustentáveis.

A ausência de políticas de preservação ambiental eficazes intensifica as ameaças ao ecossistema local, afetando diretamente a subsistência da comunidade do Cartucho, que depende da natureza para sua sobrevivência. A desigualdade social e a falta de representação efetiva nas esferas políticas também são questões críticas. A voz da comunidade muitas vezes não é ouvida, dificultando a implementação de medidas eficazes para enfrentar esses problemas.

A comunidade do Cartucho no médio Rio Negro, estado do Amazonas, enfrenta uma interseção complexa de desafios que requerem intervenções coordenadas e sustentáveis para melhorar a qualidade de vida e promover um desenvolvimento mais equitativos.

Os antepassados falavam que na cultura indígena na parte de artesanato em geral era importante as crianças e adolescentes seguirem as regras no momento do ritual, para que saibam fazer sem estarem errando na hora que estiver tecendo a sua arte, como, material para fazer farinha e outros tipos artesanatos e isso serve para os homens e mulheres, se eles não obedecessem as regras poderiam sofrer consequências, hoje no mundo moderno as gerações da etnia Baré da comunidade Cartucho na região médio rio negro ribeirinho, não seguem mais os costumes, poucos deles seguem, vão deixando de praticar e nisso eles acabam sofrendo a consequências.

E enfim, foi porque os colonizadores e missionários invadiram e ignoraram e impediram e nisso os nossos antepassados deixando de praticar suas coisas que tinham um valor enorme para eles, pois, hoje com apoio de organizações indígenas e lideranças indígenas eles querem resgatar suas culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata da abordagem aprofundada sobre a territorialidade e aspectos culturais da Etnia Baré na comunidade Cartucho, no Médio Rio Negro, Estado do Amazonas, entende-se que fica evidente que a colonização deixou marcas profundas na história e cultura indígena. Contudo a resistência dos povos Baré, expressa em suas práticas cotidianas, a verdadeira história do povo, onde percebe-se que diante a apresentação de todo esse contexto se tem um verdadeiro testemunho vivo, que apresenta nesse trabalho a luta pela preservação de suas tradições, a preservação da cultura, em face dos impactos coloniais.

Em cada capítulo foram discutidos os aspectos da cultura dos povos indígenas da etnia Baré, onde no primeiro capítulo se apresenta a geografia dos povos indígenas e a perspectiva da descolonialidade, abordando sobre o processo de colonização e as práticas de descolonização, e também o conceito de território/territorialidade e povos indígenas e as descolonialidade dos povos indígenas no estado Amazonas.

No segundo capítulo, foi possível abordar sobre os aspectos metodológicos para pensar a pesquisa geográfica indígena na Amazônia, onde o foco foi a investigação da territorialidade sociocultural da Etnia Baré na comunidade Cartucho, localizada na região do médio rio Negro, no estado do Amazonas. Onde entende-se que este trabalho contou com uma pesquisa aprofundada utilizando o método dialético e a abordagem qualitativa.

A pesquisa, que foi pautada no método dialético e sua abordagem qualitativa, proporcionou uma compreensão mais ampla das contradições e transformações na realidade dos indígenas Baré. Pois ao explorar a geografia, descolonialidade, e modos de vida, identificou-se a importância da cultura como estratégia de resistência, não apenas contra a colonização histórica, mas também com relação aos desafios contemporâneos.

A história violenta da colonização, marcada por genocídio, ressalta a necessidade contínua de organizações coletivas indígenas para preservar o modo de vida e a cultura das comunidades indígenas da região. A comunidade do Cartucho, ao buscar resgatar suas práticas originais, destaca-se como um exemplo vívido dessa resistência, contribuindo para a rica diversidade cultural na região do Médio Rio Negro.

E, no terceiro capítulo, foram discutidos os modos de vida dos povos indígenas da etnia Baré, a territorialidade da etnia Baré, no estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. Para compreender os aspectos culturais da Etnia Baré na comunidade Cartucho é preciso entender primeiramente como ocorre esse processo de colonização enfrentado pelos

povos indígenas da Amazônia, relacionando os modos de vida da etnia Baré, para identificar os aspectos da cultura do povo indígena como estratégia de resistência no Estado do Amazonas.

Então, ao explorar aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, a pesquisa oferece uma visão crítica da chegada dos europeus à América do Sul, evidenciando a diversidade cultural existente hoje, com cerca de 305 etnias e 180 línguas distintas. A análise da comunidade Cartucho destaca a estratégia de reprodução social baseada nos aspectos culturais adotados pelo povo indígena Baré, sendo a língua nheengatu e as práticas culturais elementos fundamentais para a preservação ao longo do tempo.

Por fim, a pesquisa não trouxe apenas à luz os aspectos culturais da Etnia Baré, mas também serviu como um instrumento valioso para compreender a relação intrínseca entre colonização, territorialidade e resistência cultural. O conhecimento adquirido nesse estudo pode contribuir significativamente para a preservação e promoção da diversidade cultural dos povos indígenas na Amazônia Ocidental, proporcionando subsídios relevantes para futuras reflexões e ações, que podem contribuir para a compreensão crítica da história e cultura indígena na região do Médio Rio Negro, Estado do Amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1022/201089.pdf>.

ALMEIDA SILVA, A. **Territorialidades e identidade dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia: "Orevaki Are"** (reencontro) dos "marcadores territoriais". Curitiba, 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, UFPR.

CRUZ, Valter do Carmo. OLIVEIRA, Denílson Araújo de. **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **Conflitos Territoriais e a explicitação de matrizes de racionalidade divergentes: projetos desenvolvimentistas e a emergência de re-existências dos povos e comunidades tradicionais no Espírito Santo**. Geografia e giro descolonial. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

FIGUEIREDO, Paulo Maia. **Os Baré do Alto Rio Negro**: breviário histórico. In: HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (Eds.). **Baré: povo do rio**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

FUINI, Lucas Labigalini. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19 - 29.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos De Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009 p. 11.

GIL, Antonio Carlos *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 6a reimpr. da 28. ed. de 1981, p. 4.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad: Bertrand Brasil. 2004.

HERRERO, Marina. FERNANDES, Ulysses. **Baré Povo Do Rio**. Edição SESC, São Paulo, 2015.

KOSIK, KAREL. **Dialética Do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toribio, 2º Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. Sobre os autores. In: **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

MAXIMIANO, Claudina Azevedo. Adolescentes e jovens indígenas: contexto social e participação política no Rio Negro. **Revista Juventude e Políticas Públicas**, v. 1, n. 1, 2014.

PINHEIRO, Aquiles Santos. **Identidade, língua e cultura: usos sociais e políticos do Nheengatu na comunidade indígena do Cartucho, no Médio Rio Negro AM**. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de saúde pública**, v. 29, p. 318-325, 1995.

PROENÇA, Ana Rosa Guimarães Bastos. **Fortalecimento do patrimônio cultural Baré por meio da apropriação indígena do turismo de base comunitária no Rio Cuieiras (Amazonas)**. Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo. 2019.

SANTANA, Francisco. SILVA, Josué da Costa. ALMEIDA, Adnilson de. Wari: conversão, identidade cultural e marcadores territoriais na Terra Indígenas Igarapé Laje em Rondônia. **Ateliê Geográfico** - Gonia GO, v. 14, n. 2, ago-2020, p. 112-141.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Renato Emerson dos. **O movimento negro brasileiro e sua luta antirracismo: por uma perspectiva descolonial**. Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

ZANELLA, Liane Carly Hermes et al. **Metodologia da pesquisa**. SEAD/UFSC, 2006.